

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
CAMPUS DOM PEDRITO**

MARI SELOI FERREIRA BATISTA DE OLIVEIRA

**ESCOLA E TERRITÓRIO EM MOVIMENTO: DIFERENTES PERCEPÇÕES DE
ALUNOS, PROFESSORES E MORADORES**

**Dom Pedrito
2019**

MARI SELOI FERREIRA BATISTA DE OLIVEIRA

**ESCOLA E TERRITÓRIO EM MOVIMENTO: DIFERENTES PERCEPÇÕES DE
ALUNOS, PROFESSORES E MORADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Educação do Campo (Ciências da Natureza).

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga

**Dom Pedrito
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

O48e Oliveira, Mari Seloí Ferreira Batista de
Escola e território em movimento: diferentes percepções de
alunos, professores e moradores / Mari Seloí Ferreira Batista
de Oliveira.

63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2019.

"Orientação: José Guilherme Franco Gonzaga".

1. Educação do Campo. 2. Escola do Campo. 3. Território .
4. Transformações . 5. Percepções . I. Título.


MARI SELOI FERREIRA BATISTA DE OLIVEIRA

ESCOLA E TERRITÓRIO EM MOVIMENTO: DIFERENTES PERCEPÇÕES DE
ALUNOS, PROFESSORES E MORADORES


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação do
Campo da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciatura em
Educação do Campo (Ciências da
Natureza)

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 16/05/19


Banca examinadora:



Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Carla Valeria Leonini Crivellaro
UNIPAMPA



Prof. Dr. Jonas Anderson Simoes das Neves
UNIPAMPA

Dedico este trabalho ao meu companheiro de vida, Giovani Moreira de Oliveira, cuja sua compreensão e incentivo serviram de alicerce para a conclusão deste curso. Dedico este trabalho também, ao Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga, que, como orientador, compartilhou seu saber e colaborou para minha formação acadêmica e humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Dom Pedrito, em especial a todos os professores do Curso Educação do Campo, pela oportunidade e espaço para cursar uma licenciatura gratuita e de qualidade, sendo proporcionado momentos de troca e reflexão.

Ao Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga pela aceitação, confiança e dedicação na orientação deste trabalho. Gratidão por compartilhar sua sabedoria, seu tempo e experiência.

Aos meus familiares, meus pais Pedro Batista e Neli Ferreira que sempre se fizeram presentes em minha caminhada e cuja nobreza de caráter sempre orientou minhas ações.

Ao meu companheiro Giovani Moreira de Oliveira, com quem partilho a vida, grata pela compreensão frente a minha ausência, seu incentivo contribuiu para que eu vencesse essa caminhada.

À minha sogra Odilza Moreira de Oliveira que sempre valorizou a importância da educação, desse modo, incentivando minha trajetória acadêmica.

À colega Silvia Veloso, colega e parceira, com quem dividi todos os momentos deste curso, ou seja, TUs, TCs, trabalhos. Também a parceria de estrada, hospedagens, choros e risadas.

A todos os colegas da Turma Mônica Molina, pela oportunidade de troca e aprendizado.

Às escolas Aracy Vieira do Amaral e Padre Ângelo Bartelle pela oportunidade de realizar os estágios curriculares obrigatórios, pois a partir destes pude conviver e conhecer outras vivências que contribuíram para meu aprendizado.

À escola Aracy Vieira do Amaral e comunidade do Touro Passo do município de Rosário do Sul, em especial às professoras, alunos e moradores, que, com suas participações contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Enfim, grata a todas as pessoas, que com o mais singelo gesto, um aceno, uma palavra, um incentivo, de alguma forma me deram força para seguir adiante.

RESUMO

A presente pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do Curso Educação do Campo – Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) Campus Dom Pedrito, sendo esta pesquisa resultado de uma inquietação da autora frente as transformações que uma escola e o território podem sofrer ao longo de sua história. A pesquisa traz um resgate da história da Escola Aracy Vieira do Amaral - AVA, localizada no 6º Distrito – Touro Passo no município de Rosário do Sul, e do território em que o educandário está inserido, sendo a escrita construída a partir da década da constituição da escola, ou seja, década de mil novecentos e sessenta, até os dias atuais. Neste trabalho procura-se entender as diferentes percepções de alunos, professores e moradores frente às transformações ocorridas no referido território, pois ao sair a campo para coleta de dados percebe-se no passado maior concentração de pessoas na localidade, maior entrosamento entre os moradores e a escola tida como referência para a comunidade, sendo que hoje é perceptível o esvaziamento do território e a frágil integração escola-comunidade. Os sujeitos com os quais buscou-se dialogar nesta pesquisa são alunos, professores e moradores da escola e território, em sua maioria pertencentes à agricultura familiar e agregados em fazendas ou lavouras da região, sendo que, para apropriação de dados foram construídos mapas sociais do território, aplicado questionários, além de conversas periódicas com pessoas integradas na localidade.

Palavras-chave: Educação do Campo. Escola do Campo. Território. Transformações. Percepções.

RESUMEN

La presente investigación es un trabajo de conclusión del curso –TCC, del Curso Educación del Campo- Título Universitario de la Universidad Federal del Pampa (UNIPAMPA) Campus Dom Pedrito siendo esta investigación el resultado de una preocupación del autor frente a las transformaciones que una escuela y el territorio pueden sufrir a lo largo de su historia. La investigación trae un rescate de la historia de la escuela Aracy Vieira do Amaral - AVA, ubicada en el sexto distrito - Toro Paso en el municipio de Rosário del Sur, y el territorio en el que se inserta el educandário, siendo la escritura construida a partir de la década de la constitución. de la escuela, es decir, la década de mil novecientos sesenta, hasta nuestros días. En este trabajo tratamos de entender las diferentes percepciones de los estudiantes, maestros y residentes frente a las transformaciones que han ocurrido en este territorio, pues al salir al campo para la recolección de datos se puede notar en el pasado una mayor concentración de personas en la localidad, mayor interacción entre los residentes y la escuela como referencia para la comunidad, lo que es notable el vaciamiento del territorio y la frágil escuela - combinación. Los temas con los que tratamos de dialogar en esta investigación son estudiantes, profesores y residentes de la escuela y el territorio, en su mayoría pertenecientes a la agricultura familiar y agregados en fincas o cultivos de la región, y para la apropiación de datos se construyeron mapas del territorio, cuestionarios aplicados, además de periódicos con personas integradas en la localidad.

Palabra clave: Educación del campo, Escuela del campo, Territorio, Transformaciones, Percepciones.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Alunos da escola AVA construindo o mapa social..... | 17 |
| Figura 2 - Alunos da escola AVA com mapa social do território do Touro Passo | 18 |
| Figura 3 - Mapa social atual do território a escola AVA (construído pelos alunos)..... | 18 |
| Figura 4 -Moradores do Touro Passo reunidos para construção do mapa social | 20 |
| Figura 5 - <i>Moradores do Touro Passo reunidos para construção do mapa social</i> | 21 |
| Figura 6 - <i>Mapa social construído a partir da percepção dos moradores do Touro Passo</i> | 21 |
| Figura 7 - Localização do município de Rosário do Sul - RS | 24 |
| Figura 8 - imagem de uma das escolas multisseriadas anterior à nucleação | 26 |
| Figura 9 - Imagem do mapa social construído pelos moradores do Touro Passo com demarcações das escolas multisseriadas..... | 27 |
| Figura 10 - Número de alunos por distrito do município de Rosário do Sul – 1976..... | 28 |
| Figura 11 - Nomes e quantidade de escolas existentes no 6º Distrito – Touro Passo na década de 1970. | 29 |
| Figura 12 Mapa do município de Rosário do Sul – RS | 30 |
| Figura 13 - Imagem da Escola AVA | 32 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA – Aracy Vieira do Amaral

ENERA – Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério de Educação e Cultura

PPP – Projeto Político Pedagógico

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | TERRITÓRIO DE PESQUISA E SUAS TRANSFORMAÇÕES | 12 |
| 1.1 | Cartografias de pesquisa: traçando caminhos a partir de muitos olhares..... | 15 |
| 1.2 | Caminhando no território de pesquisa: questionários, diálogos e o curso educação do campo..... | 21 |
| 2 | ESCOLAS, TERRITÓRIO E SUAS MOVIMENTAÇÕES..... | 24 |
| 2.1 | A venda | 33 |
| 3 | EDUCAÇÃO DO CAMPO: CAMPONESES COMO PROTAGONISTAS DE SUA EDUCAÇÃO | 36 |
| 3.1 | Educação do campo: escola viva é vida na comunidade | 41 |
| 4 | EDUCAÇÃO NO E DO CAMPO: UMA CAMINHADA EM CONSTRUÇÃO.. | 52 |
| | REFERÊNCIAS..... | 57 |
| | APÊNDICES | 59 |

1 TERRITÓRIO DE PESQUISA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

A pesquisa realizada para o presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do Curso Educação do Campo – Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) Campus Dom Pedrito, é resultado de uma inquietação da autora, que residindo no Touro Passo do município de Rosário do Sul - RS e vivenciando as relações que se estabelecem entre a escola do campo Aracy Vieira do Amaral - AVA e a comunidade, reflete quanto às transformações que uma escola e o território podem sofrer ao longo de sua história. O fato de uma comunidade, com o passar do tempo, se tornar uma localidade para os moradores remete a questionamentos sobre os papéis de cada sujeito nessa transformação.

A pesquisa justifica-se por trazer para discussão o porquê das transformações ocorridas na referida escola e no território, pois ao sair a campo para coleta de dados percebe-se no passado maior concentração de pessoas na localidade, maior entrosamento entre os moradores e a escola tida como ponto de encontro e referência, sendo que hoje percebe-se a integração escola-comunidade um pouco fragilizada, ou seja, a escola mantém contato com a comunidade apenas em momentos específicos. É perceptível que a comunidade não está na escola, não apodera-se da escola, não ocupa a escola como espaço de discussão, para realizar eventos ou comemorações familiares, apenas, em alguns momentos, alguns integrantes da comunidade se fazem presente na escola, por conta de eventos que a própria escola organiza, como reuniões de entrega de pareceres de alunos, festinhas comemorativas do aniversário do educandário, festinhas estas, que se restringem aos alunos, alguns pais e autoridades. Cadê a comunidade presente na escola? O fato de pessoas não terem filhos estudando na escola não as exclui da escola, de ser escola enquanto comunidade, de participar das tomadas de decisões e ações executadas.

O trabalho com título *“Escola e Território em Movimento: Diferentes Percepções de Alunos, Professores e Moradores”* traz um resgate da história da Escola Aracy Vieira do Amaral - AVA, localizada no 6º Distrito – Touro Passo do município de Rosário do Sul – RS, bem como do território em que o educandário está inserido, sendo a escrita construída a partir da década da constituição da escola, ou seja, década de mil novecentos e sessenta, até os dias atuais.

Atualmente o território é constituído de pequenos e médios estabelecimentos de pecuaristas familiares (predomina pecuária no território) distribuídos entre grandes propriedades, de modo que não observa-se trabalho coletivo entre os moradores, visto que cada família cuida da sua propriedade individualmente, não funcionando nenhum tipo de

associação ou movimento social, observa-se que o vínculo é com o território, ou seja, a referência é o lugar, que denomina-se Touro Passo, e não a comunidade.

Para entender território Fernandes (2006, p. 33) diz que [...] o território é uma fração do espaço geográfico e ou de outros espaços materiais ou imateriais. [...], embora a configuração de território também refira-se às dimensões de poder e controle social. Santos (2006) contribui quando diz que território usado é diferente do território em si, ou seja, na geografia, território define-se por ser uma área delimitada, porém o mesmo só tem sentido se for “habitado”, conforme salienta o autor:

...o território tem que ser entendido como território usado, não território em si. O território é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais, do exercício da vida (SANTOS, 2006, p.15).

Ao pesquisar sobre território percebeu-se a ausência da reciprocidade, do partilhar, da troca entre os pares, das relações sociais baseadas no pensar coletivamente entre pessoas, ligadas por parentesco, amizade ou vizinhança, que caracteriza o viver em comunidade. Desse modo, torna-se mais claro quando coloca-se que os moradores da localidade do Touro Passo possuem vínculo com o lugar, conforme destaca Santos (2006) e não com a comunidade.

Viver em comunidade demanda sentir pertencer àquela comunidade, com vínculo afetivo enraizado, físico e biológico, onde segundo Sá (2005) o pertencimento faz com que as pessoas se sintam participantes de um espaço, comum a todos. É como pensar que o ser humano pertence ao universo, assim, pertencer à uma comunidade é sentir-se parte daquele local. Então, quando aborda-se que as pessoas que residem na localidade do Touro Passo se referem ao lugar e não à comunidade, talvez seja pelo fato de poucas famílias tirarem daquela terra o alimento direto para a mesa, pois boa parte dos proprietários de terras da região produzem para industrialização, ou seja, plantam, criam e escoam a produção, não visualizam a sua produção sair da terra para a mesa, o que se põe à mesa não são alimentos produzidos por eles mas, mercadorias adquiridas no supermercado, embora, existam algumas famílias que plantam pequenas hortas para auxiliar na alimentação, porém não com muita variedade de cultivo. Diante disso, Sá, novamente contribui quando diz que a ideologia individualista capitalista da cultura industrial construiu uma representação da pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado do seu contexto, ou seja, a maneira como procedem em suas produções faz com que o sujeito fortaleça laços afetivos com o meio ou vislumbre o que aquele meio pode produzir ainda mais.

Ao contrário do que observamos hoje, sobre como se dão as relações sociais no território do Touro Passo frente a uma localidade pouco povoada, reflete-se sobre as relações sociais, nesta localidade, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, do início da constituição da escola, quando o território era mais povoado, constituído de um número maior de pequenas propriedades, concentrando mais pessoas em um determinado espaço, seriam no passado as relações estabelecidas diferentes? Mais estreitas? Como era vista a escola pela comunidade? Havia diferença no modo de ver e compreender a comunidade no passado em relação à atualidade? Essa discussão veremos na sequência deste trabalho conforme dados coletados no decorrer da pesquisa. Desse modo, o objetivo central do presente trabalho é perceber os diferentes olhares frente às transformações da escola e do território, para isso, será descrito o perfil da Escola Aracy Vieira do Amaral desde sua constituição, as percepções sobre a escola e o território pelos alunos, professores e moradores, bem como a postura da escola perante a comunidade e se a comunidade apodera-se da escola, entendendo o olhar das lideranças da instituição (gestão e professores).

Os sujeitos com os quais buscou-se dialogar neste trabalho são alunos, professores e moradores da escola e do território do Touro Passo, em sua maioria pertencentes à agricultura familiar e agregados em fazendas ou lavouras da região. Durante a coleta de dados, pôde-se perceber que no passado a comunidade era mais ativa, participativa, visto que acontecia junção de pessoas, eram realizadas missas, batizados, novenas, tendo a escola como ponto de encontro, sem contar nos momentos de lazer que aconteciam em algumas residências da localidade, como jogos de futebol, bailes e rodeios. A partir disso, é instigante pensar o que levou ao término dessas junções e integração entre as pessoas desse território, pensar o que levou a essa transformação escola-comunidade, o que influenciou essa acomodação que culminou em uma comunidade em que os moradores mantêm bons relacionamentos de amizade, mas não são unidos pelo trabalho coletivo ou pelas reuniões de lazer, ou seja, cada família realiza seu trabalho e ao desejarem momentos de lazer se dirigem à cidade em busca de diversão, como, encontrar e socializar com amigos em bailes, mateadas e bares.

Frente a isso, pensar o lugar, papel e postura da escola diante de uma comunidade é pertinente, visto que a escola cabe não só transmitir conhecimento, mas apropriar-se, trocar saberes com quem está a seu redor, e esse redor é a comunidade do território em que está inserida. Aprender não restringe-se somente a sala de aula, entre alunos e professores, o aprender está nas conversas entre pares e grupos no pátio da escola, na integração escola-comunidade, na visita a residência de um aluno, na visita à casa de um morador da

comunidade, que não necessariamente tenha que ter filhos estudando na escola, pois essas pessoas são grandes mestres, com seus saberes populares contribuem demasiadamente para o aprendizado, a escola também precisa ir até a comunidade, para fortalecer vínculos e tornar a escola-comunidade forte e empoderada, é preciso integração escola-comunidade.

A relação que eu, como pesquisadora, mantenho com a escola e o território serviu de base para a pesquisa, visto, na infância, ter estudado neste educandário e na atualidade residir no território em que a escola está inserida, além de frequentar a escola para realizar alguns trabalhos de estágio por conta do Curso Educação do Campo. Frente a isso, foi possível com observações diárias do cotidiano escolar e território perceber como se dão as relações sociais, as relações que se estabelecem entre alunos, professores, moradores e especificamente a relação escola-comunidade.

Diante disso, Triviños (1990) aponta que a pesquisa deve estar de acordo com a realidade do pesquisador ou com a prática que realiza profissionalmente. Estar inserido no ambiente de pesquisa, segundo o autor, é propício para compreender o contexto, isso Vergara (2004) também aborda, quando diz que é nesse processo que o pesquisador interage com o meio investigado.

1.1 Cartografias de pesquisa: traçando caminhos a partir de muitos olhares

Ao iniciar a pesquisa, primeiramente, realizou-se algumas leituras que abordam e discutem o tema pesquisado, leituras essas que dão embasamento e levam a compreender e refletir sobre o que se propõe escrever. Autores como Milton Santos, Laís Mourão, Bernardo Maçano Fernandes, entre outros citados neste trabalho, deram suporte na escrita e reflexões.

Para iniciar a coleta de dados realizou-se, como dinâmica metodológica, a construção de mapas sociais, que possibilitam a compreensão do território frente a representação geográfica do espaço (território) bem como, servem para identificar os espaços simbólicos a partir da percepção dos atores sociais inseridos na comunidade. Acselrad (2013) diz que os mapas sociais são representações do espaço, feitas pelas pessoas que ocupam um território, nos quais os atores envolvidos representam a forma como vivem e trabalham, os espaços simbólicos e afetivos.

Ao reproduzir no papel um determinado espaço, ou seja, construir um mapa social de um determinado lugar, este permite um estudo da realidade do território mapeado, tanto graficamente quanto a percepção das potencialidades e conflitos, das dimensões culturais, modos de produção (agricultura familiar ou monocultivo) atividades turísticas, êxodo rural e o

fechamento de escolas do campo. Para tanto, vale ressaltar que os mapas sociais, neste trabalho, serviram como mediadores de diálogo, pois a partir deles foi possível um envolvimento mais ativo por parte do público envolvido, visto que, a partir da apropriação do trabalho e da dinâmica metodológica, foi objetivo de todos que o território fosse representado o mais real possível, assim sendo, todos se empenharam em dizer as suas percepções frente à localidade do Touro Passo.

Foram construídos dois mapas sociais, um com alunos, estudantes da escola AVA, alunos estes, das séries finais do ensino fundamental (6º, 7º, 8º e 9º ano) e outro mapa construído com moradores do território em que a escola está inserida. Sobre os caminhos utilizados para a realização da pesquisa, em conversa com o orientador, foi sugerido que em vez de classificar o método utilizado, conforme bibliografia sobre o tema, fosse descrito de forma detalhada o passo-a-passo da pesquisa.

Desse modo, para a construção do mapa social com os alunos, primeiramente entrou-se em contato com a direção da escola AVA a fim de solicitar autorização para realizar a pesquisa tendo por base a instituição de ensino, sendo disponibilizado à representante legal da escola um termo de consentimento (conforme apêndice I) para que a mesma assinasse autorizando o trabalho. Ao explanar a pesquisa e ressaltar os objetivos da mesma, o termo foi assinado pela diretora do educandário que após interveio junto aos professores regentes das turmas de séries finais solicitando licença para que fosse realizada a atividade dos mapas sociais com os alunos. Concedida a licença partiu-se para a realização da atividade.

Os alunos que participaram da construção do mapa social possuíam faixa etária entre doze e quinze anos, sendo adolescentes que residem no território onde a escola está inserida, uns mais próximos da escola, outros mais distantes, visto que a escola atende alunos de aproximadamente um raio de sessenta/setenta quilômetros.

No período temporal da construção do mapa, as turmas do sexto ao nono ano da escola AVA somavam um número de dezenove alunos, sendo sete alunos do sexto ano, cinco alunos do sétimo ano, quatro alunos do oitavo ano e três alunos do nono ano, porém, na data em que foi realizada a atividade do mapa social estavam presentes sete alunos, o que, conforme informação prestada pelas professoras das séries finais, é comum o número reduzido de alunos por conta de condições climáticas e estradas de difícil acesso, que dificultam a trafegabilidade dos transportes escolares, principalmente em um período com chuvas intensas que ocorreram no momento da pesquisa.

No dia marcado para a atividade com os alunos, primeiramente organizou-se o material que seria utilizado, como papel pardo, pinças atômicas, giz de cera e revistas para recorte. Antes de dar início à construção do mapa explicou-se para a turma o porquê da atividade e o objetivo desta construção, referindo-se à pesquisa. Após, instigou-se os alunos a pensarem seus territórios, destacando aspectos que imaginavam ter relevância e importância para a comunidade, refletindo sobre seus trajetos de casa até a escola, refazendo mentalmente esses caminhos tentando lembrar o que era significativo para eles ao percorrerem o caminho casa-escola, a turma foi conduzida a reproduzir graficamente no papel pardo a escola e o território, destacando as paisagens, modos de produção local, locais de lazer, diversidades de fauna e flora, enfim, locais e situações cotidianas que marcam a vida de estudante da localidade.

O mapa foi construído pelos alunos, que optaram por fazer um mapa a partir de recortes e colagens, sendo que todos participaram, uns procurando gravuras em revistas, outros recortando e posicionando as gravuras no mapa, até que todos localizassem suas residências no território tendo a escola como referência e apontando o que consideravam importante aparecer. A seguir algumas imagens referente à construção do mapa social feito pelos alunos, bem como a imagem do mapa finalizado.

Figura 1 - Alunos da escola AVA construindo o mapa social



Fonte: Autora, 2018

Figura 2 - Alunos da escola AVA com mapa social do território do Touro Passo



Fonte: Autora, 2018

Figura 3 - Mapa social atual do território a escola AVA (construído pelos alunos)



Fonte: Autora, 2018

Após realizada a construção do mapa social pelos alunos da escola AVA, organizou-se a mesma atividade com os moradores do território em que a escola está inserida. Esses

moradores são pessoas que residem na localidade do Touro Passo, alguns deles desde que a escola foi constituída, pessoas estas com faixa etária entre quarenta e dois a oitenta e seis anos, que vivenciaram as transformações que a escola e território sofreram ao longo dos anos, isto é, a partir das décadas de 1960, 1970, 1980 e assim sucessivamente até a atualidade.

As pessoas que constituíram esse grupo, para a construção do mapa social, são homens e mulheres, agricultores e pecuaristas familiares, que estudaram na escola AVA em suas juventudes, mais precisamente as séries iniciais do ensino fundamental, e que com o passar do tempo seus filhos também vieram a estudar na referida escola.

Para que a construção do mapa social fosse realizada pelos representantes-moradores do território do Touro Passo, primeiramente visitou-se cinco residências de moradores do território, a fim de convidá-los para a atividade, que seria realizada na escola. No momento da visita explanou-se a pesquisa sucintamente para que os moradores compreendessem o motivo da reunião. A reunião para construção do mapa com os moradores foi realizada na escola, sendo que anterior às visitas às residências foi solicitado e reservado uma sala de aula na escola AVA.

Na data marcada com os moradores, estavam presentes todos os que foram convidados, sendo os mesmos recepcionados pela responsável da pesquisa com um bom chimarrão, bebida muito apreciada na região sul, por simbolizar acolhimento entre as pessoas. Em sala de aula organizou-se os moradores em círculo sendo que ao centro colocou-se uma mesa e sobre ela uma medida de papel pardo e alguns pincéis atômicos.

Estando todos organizados e acomodados, explicou-se detalhadamente o motivo pelo qual foram convidados a estarem reunidos naquele momento, ressaltando que tratava-se de uma pesquisa para um trabalho de conclusão de curso do Curso Educação do Campo da Universidade UNIPAMPA, sendo a atividade que iriam realizar parte desta pesquisa. Diante da explanação da pesquisa apresentou-se e explicou-se a proposta da construção do mapa social a partir da percepção de cada pessoa presente naquele momento.

Como os moradores presentes possuíam idade avançada a reprodução gráfica foi realizada pela responsável da pesquisa que seguia minuciosamente e reproduzia detalhadamente o que os moradores contavam e apontavam, assim, para que os moradores se localizassem frente ao mapa, foi centralizado, no mapa, a escola, diante disso os moradores puderam apontar o que achavam significativo que fosse representado graficamente. Estavam presentes nove pessoas, moradores da localidade do Touro Passo.

Diante do fato de que os presentes naquele momento eram pessoas em sua maioria idosas, foi proposto para este mapa a reprodução gráfica do território conforme a realidade das décadas de 1960, 1970 e 1980, ou seja, representar no papel como era e o que compunha o território durante essas décadas. Essa proposta deu-se pelo fato dos moradores presentes terem vivido e presenciado muitas das transformações que a escola e território sofreram ao longo dos anos. Os moradores foram instigados a pensar o território no passado, o que continha de significativo, qual era a relação da escola com a comunidade, qual era a importância da existência da escola no território, os locais de encontro das pessoas que não necessariamente deveria ser só na escola, mas os locais de lazer que reuniam a comunidade. Também os modos de produção e o povoamento do território na época.

Os moradores, em meio a conversas, foram relembando a realidade do território no passado, e, ao término da construção do mapa pode-se perceber o envolvimento e entusiasmo por parte dos moradores, em prestar informações para que o mapa social do território do Touro Passo nas décadas de sessenta, setenta e oitenta fosse construído. A seguir imagens dos moradores reunidos para a construção do mapa social bem como a imagem do mapa finalizado.

Figura 4 -Moradores do Touro Passo reunidos para construção do mapa social



Fonte: Autora, 2018

Figura 5 - Moradores do Touro Passo reunidos para construção do mapa social



Fonte: Autora, 2018

Figura 6 - Mapa social construído a partir da percepção dos moradores do Touro Passo



Fonte: Autora, 2018

1.2 Caminhando no território de pesquisa: questionários, diálogos e o curso educação do campo

Para compreender a percepção dos professores, que lecionam na escola AVA, sobre a escola e território, primeiramente foi pensado a construção do mapa social a partir do olhar

docente, porém, sentiu-se uma certa resistência e ausência de oportunidade para realizar a prática, assim, optou-se por ofertar um questionário contendo duas questões a serem respondidas pelas professoras, onde a primeira pergunta era: *O que a Escola Aracy Vieira do Amaral significa para você?* E a segunda pergunta: *Na sua opinião, o que a Escola Aracy Vieira do Amaral significa para a comunidade a qual está inserida? A escola atende as expectativas da comunidade?* (Questionário conforme apêndice II)

Foi ofertado o referido questionário a cinco professoras, sendo estas, duas docentes das séries iniciais do ensino fundamental, duas docentes das séries finais do ensino fundamental e uma docente que ocupa o cargo de diretora na escola. As professoras das séries iniciais, bem como a diretora da escola, residem na zona rural, ou seja, nas proximidades do território da escola, já as professoras das séries finais residem na zona urbana do município de Rosário do Sul, assim, deslocam-se diariamente até à escola conduzidas pelo transporte escolar, sendo esse trajeto em torno de cinquenta quilômetros. Os questionários foram disponibilizados e respondidos pelas professoras.

Conforme descrito anteriormente, utilizou-se a construção de mapas sociais e questionários para coleta de dados porém, o vínculo da pesquisadora com o território de pesquisa contribuiu para apropriação dos dados e compreensão da realidade, potencialidades e conflitos do território. Destaca-se neste trabalho o uso intenso do diálogo, da conversa como método de pesquisa, pois parte-se da ideia que a conversa é um meio importante de apropriação das realidades, visto que conhecimentos, vivências, experiências dos povos são transmitidas oralmente. É importante pensar que os povos, principalmente os que vivem no campo, tem na “prosa” um momento de prazer, onde compartilhar seus saberes é uma satisfação, ou seja, uma sensação de bem estar.

Diante disso, por mais de uma vez, a conversa teve grande relevância para este trabalho, quando em visitas às residências de moradores do território da pesquisa, em encontros casuais, na escola ou fora dela, pôde-se dialogar com as pessoas sobre as transformações que o território sofreu ao longo dos anos. Todavia, é de se pensar que cada pessoa conta sua história a partir do seu olhar para o objeto, de modo que, procurou-se reproduzir neste trabalho a história conforme fora entendida.

Para compreender melhor como reproduzir a história da escola AVA e seu território o filme “Narradores de Javé” contribuiu, pois este, aborda a necessidade de contar a história de

um lugar chamado Javé¹, sendo contada pelos moradores e descrita por uma pessoa, o que foi impossível para o escritor pois, cada pessoa conta sua história a partir da sua própria história, assim, no presente trabalho, procurou-se descrever as múltiplas versões dos fatos acontecidos, como diz no filme, é escrever uma história muito contada e ouvida porém, nunca escrita e lida.

Também utilizou-se como fonte de pesquisa os trabalhos construídos ao longo do Curso Educação do Campo, do qual para concluir estamos escrevendo o presente TCC. Estes trabalhos utilizados como fonte são os relatórios que foram apresentados como requisito parcial e final para a aprovação nas disciplinas de cada semestre do curso sendo que a escola AVA foi base para escrever os referidos trabalhos. Diante disso, muitas informações foram resgatadas dos relatórios, pois a partir da escola AVA escrevemos sobre Território e Territorialidade, Trabalho como Princípio Educativo, Contexto Socioeconômico, Sociopolítico e Socioeducacional, Gestão de práticas sustentáveis, Inclusão, Acessibilidade e Tecnologia e por fim Diversidade de Saberes e Cuidados com a Saúde, assim a construção deste TCC tornou-se um trabalho de resgate e busca por novas informações.

Destaca-se na presente pesquisa a participação ativa de um morador da localidade do Touro Passo que contribui incansavelmente com relatos e informações. Esse morador, hoje com setenta anos, é filho do senhor Francisco, citado nesta pesquisa, que por alguns anos acolheu em sua residência alunos e professores em função de proporcionar e possibilitar um local de estudo, ou seja, uma escola para a comunidade.

No capítulo seguinte apresenta-se o perfil da Escola Aracy Vieira do Amaral – AVA desde sua constituição e também um resgate da história do território do período em que a escola foi constituída até a atualidade.

¹ Narradores de Javé, um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé, conta a história dos moradores do vilarejo do Vale de Javé e o temor destes: uma represa que precisa ser construída e com isso a cidade de Javé será alagada. E para impedir tal fato, a única chance que eles têm é a de provar que a cidade possui um valor histórico a ser preservado. Para isso, precisam colocar por escrito os fatos que só são contados de boca a boca, de pai para filho.

2 ESCOLAS, TERRITÓRIO E SUAS MOVIMENTAÇÕES

O município de Rosário do Sul – RS localiza-se na região sul do Brasil, possui aproximadamente quarenta e cinco mil habitantes e é dividido em seis distritos, de primeiro à sexto. Na presente pesquisa abordar-se-á a realidade do 6º Distrito que denomina-se Touro Passo, onde está localizada a Escola Polo Aracy Vieira do Amaral (AVA).

Figura 7 - Localização do município de Rosário do Sul - RS



Fonte: Mapas

Em meados da década de 1960 na localidade do Touro Passo, a comunidade tinha como lugar de estudo, para as crianças, lugares distintos, ora na casa de um morador do território, ora na casa de outro. Uma das residências que funcionava uma sala de aula era na casa de um morador chamado Francisco, hoje já falecido. Nessa residência era organizada uma sala para que funcionasse a escola, sendo que a professora morava na casa, junto com a família que cedia o lugar para acontecer as aulas. O território nessa época era povoado, ou seja, composto de várias pequenas propriedades, sendo que as famílias, nesse período da história, eram mais numerosas, com maior número de filhos em cada núcleo familiar, se comparado à realidade atual. Essa realidade demandava a existência de escola no território, embora o fato de uma localidade ser mais ou menos povoada não interfira no direito de uma escola na comunidade.

Esse modelo de escola atendia turmas multisseriadas de anos iniciais (1º ao 5º ano) sendo que essas crianças deslocavam-se de casa até o local de estudo a pé ou utilizando o cavalo como meio de transporte, visto que as residências dos alunos não eram tão distantes da escola. A professora era funcionária do município, apesar de residir na propriedade familiar onde localizava-se a escola.

Também, em meados da década de 1960, na localidade do Touro Passo, em uma outra residência também existia uma escola, sendo que a família proprietária acolhia alunos e professores para que fosse proporcionado estudo para as crianças da região. Essa família tinha como progenitores um senhor chamado Aracy e uma senhora chamada Ana. Durante alguns anos a escola funcionou na propriedade do senhor Aracy, onde também havia um comércio, ou seja um bolicho de campanha, que era chamado pelos moradores por “venda”. Nesta residência, também, a professora residia na casa junto com a família afim de atender e alfabetizar as crianças dos arredores.

Alguns anos se passaram, a escola funcionando com turmas multisseriadas de séries iniciais, atendendo crianças do território que deslocavam-se diariamente a pé ou a cavalo até o educandário. Com o passar do tempo o senhor Aracy cedeu um terreno em um determinado lugar de sua propriedade para que fosse construído um prédio para funcionar a escola, em prédio próprio, sob gestão do poder público municipal. Dado o terreno, foi construída a escola contendo uma sala de aula, banheiro e dependências que possibilitasse alojamento para a professora que fosse lecionar. Segundo relatos, de moradores que vivenciaram a construção, as despesas financeiras, por conta da construção do prédio da escola, foram financiadas pela prefeitura municipal.

Ao iniciar as atividades educacionais na escola construída, a mesma recebeu o nome de Escola Santo Ângelo, em homenagem à família que cedeu o terreno, esta homenagem deu-se pelo fato de Santo Ângelo ser santo de devoção da família do senhor Aracy Vieira do Amaral (doador do terreno).

Conforme um dos colaboradores desta pesquisa, a escola cumpria seu papel educacional, ao alfabetizar crianças, mas também cumpria um papel social quando na escola aconteciam outras atividades, que não a de haver aula. Atividades como missas, batizados, novenas religiosas em épocas como Páscoa e Natal, bem como algumas festas em homenagem ao dia dos pais e mães, almoços beneficentes em prol de algum morador e algum evento particular de moradores da comunidade (aniversários). Além da escola ser referência da comunidade, também ali, residia mais um morador do território, visto que a professora

morava na escola com a família, fazendo parte da comunidade. Vale ressaltar que algumas professoras que lecionaram nesta escola eram da própria comunidade, sendo que não possuíam formação superior para exercer a profissão de professora.

Neste período (1960, 1970, 1980) no território do Touro Passo haviam outras escolas além da Escola Santo Ângelo, pois a área territorial desse distrito é bastante extensa (área do 6º Distrito – Touro Passo: 524 Km²). Ao citar algumas escolas pode-se destacar uma extensão da Escola Santo Ângelo que denominava-se Escola Santo Ângelo Anexo, essa escola localizava-se a uma distância em torno de dezessete quilômetros da Escola Santo Ângelo. Também tinha a Escola do Itapevi a uma distância de uns doze quilômetros da Escola Santo Ângelo, também a Escola São José a uns dez quilômetros da Escola Santo Ângelo e uma escola denominada Escola Santa Cândida a uns seis quilômetros da Escola Santo Ângelo e outra um pouco mais distante a uns vinte e cinco quilômetros chamada Escola Primavera. Todas essas escolas eram localizadas no território do Touro Passo, sendo que a Escola Santo Ângelo localizava-se ao centro, entre as escolas. Cada comunidade, ou grupos familiares possuíam sua escola para atender crianças desses locais.

A imagem a seguir é de uma das escolas que funcionava na localidade do Touro Passo. Salienta-se que quando a escola não funcionava em salas no interior das casas dos moradores, estas escolas eram modelos volante, ou seja, podiam ser transportadas de um lugar para outro.

Figura 8 - imagem de uma das escolas multisseriadas anterior à nucleação



Fonte: arquivos da escola AVA

As escolas mencionadas acima foram possíveis visualizar no mapa social construído pelos moradores do Touro Passo. No mapa abaixo as escolas estão sinalizadas com bandeiras amarelas, conforme aponta as setas em vermelho e a Escola Santo Ângelo esta ao centro do mapa circulado em vermelho, conforme mostra a imagem a seguir.

Figura 9 - Imagem do mapa social construído pelos moradores do Touro Passo com demarcações das escolas multisseriadas



Fonte: Autora, 2018

Diante dessa realidade, somos levados a refletir sobre o que sucedeu com essas escolas apontadas no mapa acima, e, que hoje não mais existem, fato disso, que no mapa construído pelos alunos não visualiza-se essas escolas, apenas a escola AVA. Então, percebeu-se que na década de 1990 chegaram ao território do Touro Passo mudanças que, em alguns outros lugares do Brasil já haviam chegado em décadas anteriores, que foram as nucleações das escolas localizadas na zona rural. A nucleação consiste no fechamento de escolas multisseriadas de séries iniciais agrupando essas escolas e alunos em uma só escola que passava denominar-se escola polo, com turmas separadas e alunos separados por série.

A escola pensada para passar a ser polo era escolhida de acordo com a centralidade, ou seja, a sua localização. Diante disso, ao escolher uma escola central no território, para se tornar polo, todas as outras escolas das proximidades eram fechadas e conduzidos os alunos e professores para a escola polo.

De acordo com dados resgatados da publicação “Rosário Centenário” (p. 71, 1976) o município de Rosário do Sul contava na década de 1970 com 58 (cinquenta e oito) estabelecimentos municipais de ensino na zona rural com um número total de 1.131 alunos distribuídos entre essas escolas. Também nesta publicação (pág. 73) pode-se constatar o número de alunos por distrito na década de setenta, e ao verificar o 6º Distrito – Touro Passo, destaca-se oito escolas com 139 alunos distribuídos entre estas escolas.

Hoje, conforme informações prestadas pela coordenadora das escolas do campo de Rosário do Sul, o município conta com apenas 5 (cinco) escolas no campo e, em torno de 300 (trezentos) alunos matriculados e distribuídos nas mesmas, veja que, de 1.131 alunos existentes na zona rural do município de Rosário do Sul na década de 1970 passaram a 300 alunos na zona rural na atualidade. Sendo que hoje, a localidade do Touro Passo conta com uma escola com aproximadamente 50 alunos. Vale ressaltar que neste ano de 2019 uma escola do campo denominada Escola Dom Pedro localizada no 5º distrito de Rosário do Sul teve seu funcionamento suspenso, ou seja, foi fechada. Segundo a coordenadora das escolas do campo do município, este ano a escola não estará funcionando, de modo que a escola não está extinta, podendo voltar funcionar no próximo ano, diante disso, resta refletir sobre os alunos que dependiam desta escola. Será que não há alunos nesta localidade? Os alunos que lá residem, terão que deslocar-se para cidade? Ou terão que esperar a possibilidade da escola reabrir no próximo ano?

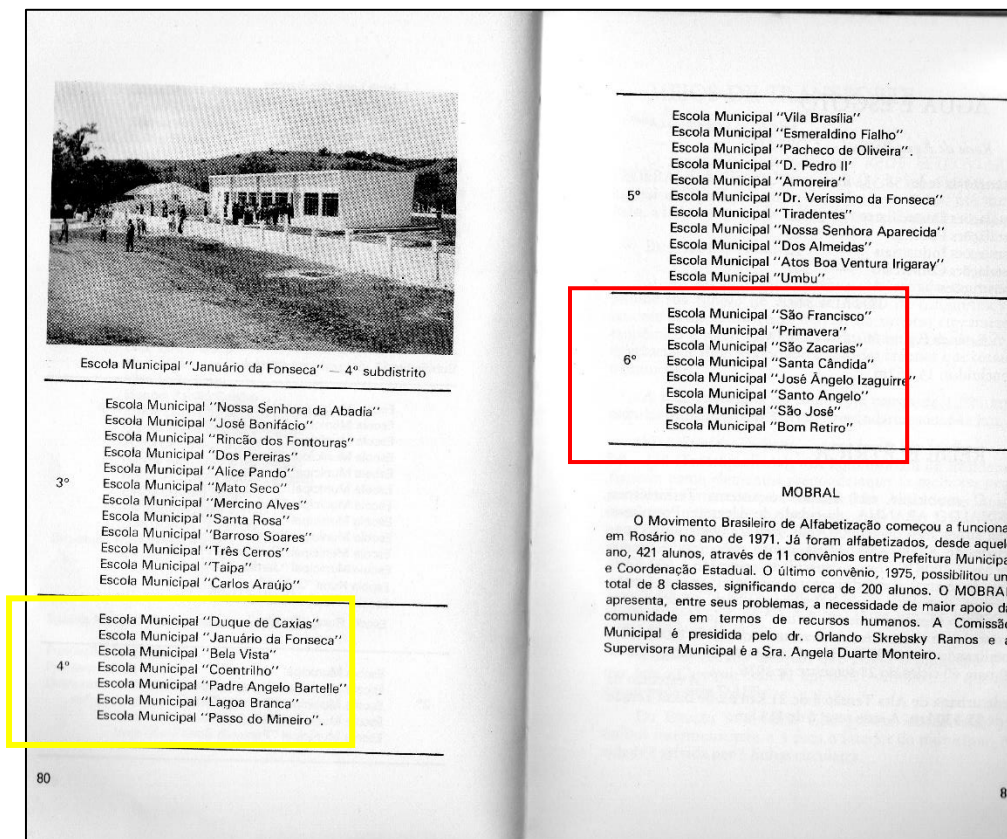
As imagens abaixo mostram os dados mencionados nos dois parágrafos anteriores, sendo que a publicação de “Rosário Centenário” deu-se na década de 1970.

Figura 10 - Número de alunos por distrito do município de Rosário do Sul – 1976.

| b) Zona Rural | |
|-------------------------|--------|
| Subdistrito | Alunos |
| 1º | 231 |
| 2º | 118 |
| 3º | 368 |
| 4º | 97 |
| 5º | 178 |
| 6º | 139 |
| | <hr/> |
| | 1.131 |
| Total Município — 1.131 | |

Fonte: Imagem da pág. 73 do livro Rosário Centenário

Figura 11 - Nomes e quantidade de escolas existentes no 6º Distrito – Touro Passo na década de 1970.



Fonte: Imagem das págs. 80 e 81 do livro Rosário Centenário

Diante da realidade das nucleações a Escola Santo Ângelo foi apontada para ser uma escola polo, por estar localizada em ponto estratégico, ou seja, ao centro, entre as outras escolas da região, com isso receberia alunos e professores de outras escolas da região do Touro Passo, além de receber alunos e professores do distrito vizinho 4º Distrito – São Carlos.

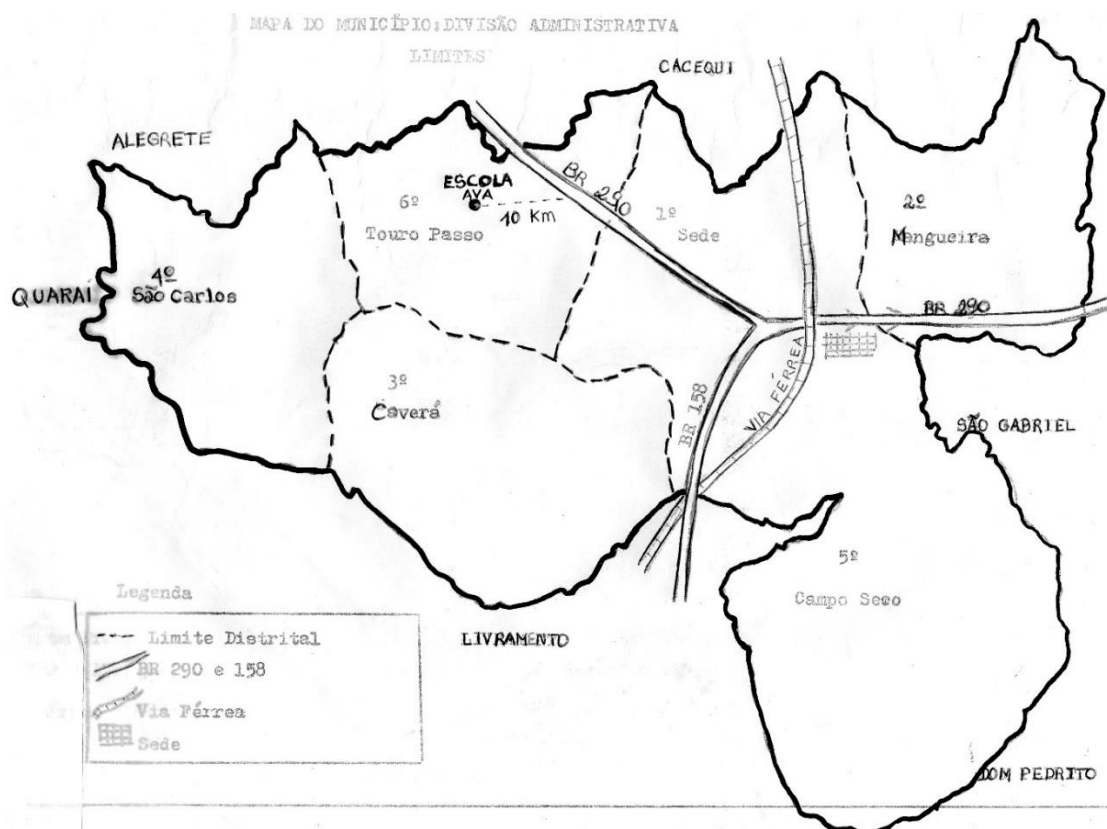
O distrito vizinho São Carlos possui área territorial de 620 Km² e anterior à nucleação várias escolas funcionavam em lugares distintos deste distrito, atendendo as comunidades. Pode-se constatar o número e nome das escolas que funcionavam no 4º distrito na década de 1970 na imagem acima destacado em amarelo.

Assim, na década de 1990, frente à nucleação das escolas rurais, a Escola Santo Ângelo agregou escolas da região do Touro Passo - 6º distrito, e também escolas da localidade de São Carlos - 4º Distrito do município.

O mapa abaixo é a representação gráfica do município de Rosário do Sul – RS, nele pode-se verificar os distritos e as localidades do município, bem como a localização da escola

AVA, que anterior à nucleação denominava-se Escola Santo Ângelo. Também é possível visualizar o 4º e 6º Distrito que a Escola Santo Ângelo passou atender após a nucleação.

Figura 12 Mapa do município de Rosário do Sul – RS



Fonte: Subsídio de Orientação – Smec/1998

Diante desse processo de mudança, escolas nucleadas, a rotina dos alunos e moradores das localidades do Touro Passo e São Carlos sofreu transformações, pois a escola já não era mais tão perto de casa que possibilitava ir até ela a pé ou a cavalo, a partir desse momento as crianças tiveram que começar percorrer quilômetros até chegar à escola, conduzidos pelo transporte escolar. O que antes era um trajeto percorrido em minutos passou ser percorrido em meia hora, uma hora, duas horas, de acordo com a distância da casa do aluno até a escola.

Essa experiência, da nucleação das escolas, posso dar meu depoimento com propriedade, visto que na época em que as escolas do território do Touro Passo e São Carlos foram nucleadas na Escola Santo Ângelo eu estudava em uma das escolas multisseriadas da região. Anterior à nucleação me deslocava diariamente a pé (em torno de dois quilômetros) até a escola onde estudava, juntamente com mais dois colegas. A escola funcionava em uma

sala na residência de um morador, onde estudavam alunos de primeiro ao quinto ano. Lembro que os alunos eram organizados enfileirados conforme a série que estavam, bem como o quadro negro também era organizado e dividido de acordo com as séries. A professora era filha do dono da residência, assim, lecionava em casa.

Quando houve a nucleação minha rotina mudou, eu e meus colegas tínhamos que percorrer o caminho que já estávamos acostumados a fazer, porém ao chegar na escola onde estudávamos tínhamos que pegar o transporte escolar que nos conduziria até o Polo Santo Ângelo, um percurso de dezessete quilômetros que durava em torno de uma hora, por conta das condições das estradas, que eram e ainda são de terra batida. O que mudou? Tivemos que sair de casa para ir para a escola uma hora mais cedo e conseqüentemente chegávamos uma hora mais tarde. Minhas lembranças dessa época reproduzem sentimentos positivos ao lembrar que conheci novos colegas, novos professores, uma escola maior, porém, também me traz lembranças negativas ao lembrar do cansaço que era viajar diariamente, tendo que madrugar para não perder o transporte, o calor e sol quente, na estação do verão, ao retornar da escola (no período do meio dia) e o frio e geada intensa pela manhã, que congelava os pés no período do inverno.

Voltando ao Polo Santo Ângelo, após o processo de nucleação foi construído um novo prédio no terreno da escola para assim atender a demanda maior de alunos. Nesse período, os doadores do terreno da escola já haviam falecido, diante disso, foi idealizado, por alguns moradores, a mudança do nome da escola. Esses moradores, alicerçados de um abaixo assinado, propuseram que a escola passasse ser chamada Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracy Vieira do Amaral (AVA) em homenagem ao doador do terreno da escola.

Foi elaborado um projeto frente a essa proposta, que passou por votação na Câmara Municipal de Rosário do Sul, e desse momento em diante a escola passou ter nome social Aracy Vieira do Amaral, porém oficialmente, na atualidade, ainda mantém o nome antigo, e isso podemos comprovar ao acessarmos o site do MEC (Ministério de Educação e Cultura) onde consta esta escola sob o nome Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Ângelo.

A localidade do Touro Passo com o passar dos anos foi se tornando menos povoada, os moradores mais idosos foram falecendo, algumas propriedades foram mantidas pelas gerações seguintes, porém outras, acabaram sendo vendidas pela família e estas indo embora para cidade. Aqueles que detinham maior poder aquisitivo foram comprando as pequenas propriedades dos vizinhos e com o passar do tempo as residências, onde antes abrigava famílias, foram aos poucos se tornando taperas, ou seja, casebres abandonados com poucas

árvores ao redor e na sequência apenas as árvores restaram. Essa realidade pode-se perceber ao visualizarmos os mapas sociais que foram construídos para esta pesquisa, pois é nítida a diferença do mapa construído pelos moradores trazendo a realidade das décadas de 1960, 1970 e 1980 em relação ao mapa construído pelos alunos que estudam na escola AVA na atualidade, embora se tenha que considerar a diferença das gerações, onde cada grupo vê as potencialidades e conflitos a partir da sua história e vivência.

Quanto à escola AVA, na atualidade a instituição conta com boas instalações prediais dispendo de oito salas de aula, um laboratório de informática, um laboratório de ciências, uma biblioteca, sala de professores, sala de direção, almoxarifado, refeitório, cozinha, despensa, banheiros masculinos e femininos, quadra de esporte, casa para zelador, casa para motoristas, pátio amplo e área para horta. Em relação aos colaboradores da escola, a mesma conta com sete professores, uma merendeira que também acumula tarefas de serviços gerais, um zelador e uma professora que está no cargo de diretora desde o momento da nucleação, também quatro motoristas que auxiliam no transporte escolar.

Figura 13 - Imagem da Escola AVA



Fonte: Autora, 2018

Desde a nucleação das escolas rurais do território do Touro Passo e São Carlos, os moradores dessas localidades passaram viver outra realidade, o núcleo escolar que antes era restrito a um grupo menor, uma comunidade, passou abranger várias comunidades, ou seja, a escola passou ser referência para um público maior, visto ter passado atender dois distritos do município.

Desse modo, conforme descrito anteriormente, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a escola Santo Ângelo atendia uma comunidade menor, e nessa comunidade, além da escola, existia na localidade um comércio que marcou muito a vida de pessoas que viveram esse período. O referido comércio era chamado pelos moradores da região por “venda”, e esta, por muitos anos, foi referência para a comunidade, desse modo, no próximo capítulo abordar-se-á um pouco da história desse comércio que tanto marcou a vida de muitos moradores da região do Touro Passo.

2.1 A venda

Diante de um território bastante povoado, na propriedade do senhor Aracy, além de funcionar a escola também funcionava a “venda”, sendo esta um comércio da localidade. Esta “venda” comercializava os mais variados produtos alimentícios, além de tecidos, utensílios domésticos, rações para animais e até alguns medicamentos, visto que na época não havia restrição para venda de remédios fora das farmácias. Segundo depoimentos coletados com alguns moradores mais idosos da localidade, uma pessoa ao resolver montar uma casa poderia ir até a “venda” que sairia com todos os utensílios que precisasse de tão sortido que era o comércio.

Além de na referida “venda” haver a comercialização de produtos, também ali, eram prestados outros serviços, como o atendimentos às parturientes da localidade, pois a esposa do senhor Aracy realizava trabalho de parteira, atendendo mulheres grávidas da região, o que era uma demanda do lugar, visto o perfil familiar da região na época compor maior número de filhos que o perfil familiar presente no território nos dias atuais (antes, em torno de cinco, seis, sete, oito filhos, hoje em média dois a três filhos). Segundo relatos, quando não atendidas em casa pela parteira, algumas mulheres grávidas, ao aproximar o momento do parto, deslocavam-se até a residência da parteira e hospedavam-se na casa até ganharem seus filhos. Ao parirem seus filhos e alguns dias de repouso, essas mulheres retornavam para suas casas, na certa que, com uma dívida financeira e de gratidão.

Outras atividades aconteciam na residência do senhor Aracy, digo, na “venda”. Eventos como corrida de cavalos (carreira) que reunia pessoas do território que tinham o local como ponto de encontro para aquisição de mantimentos e lugar de lazer. Salienta-se que a maioria dos moradores do território, na época, detinham de poucos recursos financeiros, eram pequenos proprietários de terra que plantavam e produziam pequenos cercados, de aipim, batata doce, abóbora, milho...para consumo próprio, digo, para suprir a mesa da família, e

tinham a “venda” como suporte para aquisição de produtos que não eram produzidos em casa. Também, os moradores criavam alguns animais bovinos, ovinos e equinos, as vacas para produção de leite, ovelhas para produção de carne e o animal cavalari para meio de transporte, porém não em número expressivo, visto que as áreas de terras de alguns moradores não eram muito extensas.

O acesso à cidade era restrito, por conta da distância (em torno de cinquenta quilômetros), das condições de acesso (estradas) e também pelo fato da maioria dos moradores não possuírem carro. Diante disso, a “venda” era o único acesso imediato aos produtos básicos, como itens alimentícios, de higiene e medicamentos.

Conforme já mencionado anteriormente, algumas famílias que residiam na localidade do Touro Passo nas décadas de 1960, 1970 e 1980, apresentavam dificuldades quanto a situação econômica, pois eram pequenos proprietários, que sobreviviam da área territorial que detinham e trabalhos de diaristas em alguma propriedade com maior poder econômico, frente a isso, se um membro da família não tivesse acesso à aposentadoria para auxiliar nas despesas mensais ou fosse agregado de alguma fazenda ou lavoura da região, a situação para sobrevivência se tornava difícil. Diante disso, o fato de algumas pessoas não possuírem uma renda mensal levava famílias comprar mantimentos na “venda” na caderneta, ou seja, fiado, à prazo.

O acerto de contas com a “venda” por vezes não acontecia mensalmente, sendo esse acerto feito em épocas de safra, anualmente, quando muitos moradores entregavam suas produções excedentes em conta do que haviam comprado nos meses anteriores, quando não tinham que pagar a dívida entregando suas criações (bovinos e ovinos) para quitar o que deviam. Essa era a realidade do território e dos sujeitos que ali habitavam, e para esses sujeitos se não existisse a “venda” a situação poderia ser pior, visto que acessar suprimentos básicos para a sobrevivência era restrito diante da dificuldade de locomoção e acesso à cidade. Frente a isso, ter uma pessoa no território que tinha possibilidade de ir até a cidade trazer suprimentos para comercializar na localidade era um alívio para muitos moradores.

Além de possibilitar aquisição de suprimentos pelos moradores, a “venda” também possibilitava momentos de lazer entre as pessoas da localidade, visto que, neste período da história do Touro Passo, as reuniões de lazer entre os moradores do território aconteciam com maior frequência se comparado à atualidade, pois existiam pontos de encontros, como a “venda”, os bolichos de campanha onde aconteciam jogos de carta e de biliar, salões de baile, campos de futebol improvisados e pistas de rodeio. Além de funcionar o bolicho da “venda”

alguns outros também funcionavam em algumas residências, onde comercializavam bebidas e tinham no jogo um meio de alegrar e cativar clientes. Os salões de baile também eram uma alternativa de diversão, sendo que uma reunião dançante podia acontecer em uma sala de qualquer residência, se assim o dono da casa permitisse, era só conseguir um gaitero que o baile estava feito, mesmo o território tendo alguns piquetes como chamavam os salões de baile da época. Nos dias de domingo aconteciam as reuniões para jogar futebol, que reunia os amantes do esporte para uma brincadeira entre vizinhos. Percebe-se diante dos relatos que a comunidade movimentava-se no sentido de integrar-se uns com os outros, o que hoje não é comum acontecer.

3 EDUCAÇÃO DO CAMPO: CAMPONESES COMO PROTAGONISTAS DE SUA EDUCAÇÃO

A educação para os povos que vivem no campo sempre foi restrita ao mínimo, ficando evidente possíveis articulações ou descaso, por parte de representações do sistema, em relação à educação ofertada aos camponeses. O importante era ter pessoas que trabalhassem e produzissem para seus patrões ou que se desinteressassem do campo ao vislumbrar a cidade como meio de melhorar a vida, o que acarretava em mão de obra para as indústrias, e também, o abandono do campo pelos camponeses, que para vizinhos fazendeiros, proprietários de terras, era “e ainda é” interessante, pois possibilitava uma possível compra da propriedade do camponês, para isso, para que o homem do campo se desiludisse e optasse pela cidade, eram renegados direitos, principalmente educação. Hoje, se formos analisar não é muito diferente, se pensarmos a realidade das escolas do campo, pois, não há estradas em condições de trafegabilidade, o transporte escolar é defasado, ora por não haver, ora por problemas mecânicos, e isso é uma negação de direitos que só desanima a pessoa que depende da escola do campo, fato disso, é ver famílias tendo que se deslocar para cidade para poder ver seus filhos frequentando a escola, é triste ver as famílias se desestruturando por conta de um direito que não é viabilizado como se deve, e isso vemos hoje, quando na escola AVA, alunos de uma região do Touro Passo e São Carlos não estavam na escola, até o início do mês de maio/2019, por conta de estrada e transporte.

No passado, ser educado era para o filho do fazendeiro, e hoje continua a mesma coisa, visto que na escola do campo estuda o filho do pequeno camponês e do agregado e a eles é negado direitos diante da realidade descrita acima, tanto é verdade que o filho do fazendeiro não está na escola do campo, pois estes sabem como é ofertada a educação no campo, porém, o fazendeiro tem condições financeiras de custear estudos para o filho fora do campo, já o camponês e o agregado também sabem como é a educação que lhes é ofertada, porém, não tem outra alternativa para seus filhos, a não ser se abandonarem o campo de vez. Todavia, o que se deseja é uma educação de qualidade no e do campo, uma educação que contemple a todos, e, que tanto o filho do fazendeiro quanto do camponês e agregado sintam seus direitos assegurados e respeitados.

Ao pesquisar sobre a educação ofertada para os camponeses ao longo da história da educação, percebeu-se que ao filho do camponês sempre restou uma educação alfabetizadora, que possibilitasse apenas apropriação do básico para a realização do trabalho. Ao filho do camponês restava uma escola que lhes ensinassem as primeiras letras, conforme aborda

Arroyo (2017) quando fala sobre a visão hegemônica de que para os povos do campo a proposição é apenas o primeiro grau, o que justifica a ausência de escolas de ensino médio no campo em alguns municípios, como é o caso de Rosário do Sul.

Tão é verdade que a educação para os povos do campo era minimizada, que somente a partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) que as escolas rurais começaram ser pensadas quanto a seus papéis, conforme diz o artigo 28 da LDB:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL/MEC, LDB 9.394/96, ART. 28).

Anterior a isso nunca houvera efetiva preocupação com a educação rural, ou seja, nunca antes fora pensada educação para os camponeses considerando o contexto do campo, embora, conforme Leineker e Abreu (2012) a educação rural fosse contemplada pela primeira vez em uma constituição em 1934, onde constava a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário.

O que se via era preocupação com a preparação de alunos para o mercado de trabalho e para isso, pensar uma educação que profissionalizasse era uma estratégia, pensar uma educação que levasse à reflexão e fosse voltada para os interesses dos povos do campo não era prioridade para governos e para quem detinha poder econômico. Contudo, a Constituição Federal de 1988 passou garantir educação como direito de todos e dever do estado, independente de urbano ou rural, visando o desenvolvimento humano e preparo para exercer a cidadania e qualificação para o trabalho. Embora garantido o direito, a preparação de mão de obra sempre foi o objetivo.

Tanto é verdade que educação nunca foi pensada para os povos do campo que o ensino ofertado aos camponeses sempre refletiu a educação urbana, e por vezes ainda reflete, havia uma condução psicológica para que alunos camponeses vislumbrassem a cidade como lugar que tudo tinha, e isso era tão internalizado que era comum pensar assim. O campo era tido como lugar do atraso, lugar que não permitia e não oferecia boas condições de vida, fato disso, que era comum ouvir jovens dizer que deviam estudar para ter melhores condições de vida, para não passar trabalho no campo, referindo-se a possível saída do campo.

Para os que viviam na cidade, o homem do campo era tido como caipira, sem cultura, sendo comum ouvir referência ao camponês do tipo “*caipira lá da campanha*”. Desse modo, para o capitalismo o ensino não era importante pra esse povo, Arroyo (2017) aborda que para a elite dominante [...] poucas palavras dão conta de atender esses sujeitos [...] e isso era reforçado quando o homem do campo era representado na imagem de personagens como Jeca Tatu e Mazzaropi, e ainda hoje, quando vemos nas escolas, em festas juninas, crianças com roupas remendadas, dentes pintados e vocabulário errado, levam pensar que o caipira da roça por natureza é mal vestido com dentes cariados e ignorante. Isso tudo fere a grandeza do homem do campo, e só reforça o preconceito ainda existente, embora essas ações, das caracterizações caipiras, por vezes, sejam realizadas impensadamente, movidas pela brincadeira.

No entanto, avanços já houveram e alguns direitos foram sendo garantidos na lei, em relação à educação ofertada no campo, embora muitas vezes, esses direitos não tenham se efetivado na prática, sendo negado aos camponeses o acesso à escola, seja por uma ponte não consertada, seja por não estar na escola por falta de transporte escolar, seja pelas estradas rurais sem condições de trafegabilidade, isso tudo é uma negação de direitos, para não dizer uma falta de respeito com o cidadão que vive no campo.

O que vemos e ouvimos por vezes é revoltante, principalmente quando vemos pessoas que são beneficiadas com o direito, estão sendo lesadas e se calam, aceitam a negação daquilo que é seu, porém, vale ressaltar que essa transferência de responsabilidade está cada vez menos aceita pela população camponesa, que está se conscientizando de seus direitos e indo à luta.

E, diante da conscientização que educação é dever do Estado ofertar, lutas foram tornando-se cada vez mais constantes em prol dos direitos pela educação ofertada no campo, pois os povos, através dos movimentos sociais, começaram a se fazer ouvidos por meios de manifestações e participações em eventos, enfim, estar e se fazer presente nos lugares onde é discutido educação, principalmente para o campo, visto que, se o assunto é de interesse de determinado povo, este tem que ocupar seus lugares e expor suas necessidades para que sejam pensadas as resoluções.

Ao longo dos anos vem sendo ofertada educação aos povos do campo, porém esses povos almejam melhorias, uma educação que atenda as demandas e especificidades de quem vive no campo, que a educação seja a partir do contexto do campo e não do urbano. Esses anseios foram tornando-se cada vez mais fortes, por isso a luta por uma educação que valorize

a realidade do homem do campo, que a escola situada no campo aconteça para afirmar e reforçar a identidade de quem está inserido no contexto camponês, e não formando pessoas com objetivos urbanos.

Conforme Castro (2012) em 1997, no I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA) iniciou-se discussões sobre a educação ofertada no meio rural. No ano seguinte, 1998, com Programa Nacional de Reforma Agrária (PRONERA) reforçou-se e acirrou a discussão acerca de uma educação que contemplasse os povos do campo, daí em diante muitas lutas foram travadas em prol de uma educação que valorize as especificidades dos camponeses, que trate o aluno que vive no campo como senhor do seu território, que valorize seus saberes e existência no lugar em que reside.

Fernandes *apud* Souza (2006) nos ajuda compreender Educação do Campo quando diz que uma escola do campo é a que defende as demandas, a política, a cultura e a economia dos camponeses, ou seja, que defenda os interesses dos seus alunos. Desde sempre a educação ofertada no Brasil apresentou uma perspectiva urbana, uma preparação para o trabalho, atendendo interesses capitalistas e esse modelo de ensino remete à Educação Rural. Uma escola situada no campo que não trabalha conforme a realidade do aluno, com o que ele vive em seu cotidiano, que não conhece e não faz questão de conhecer a sua cultura, o que faz em casa enquanto não está na escola, o que é produzido por sua família, esta escola é um modelo urbano situada no campo, ou seja, uma escola rural.

A questão não é preparar para o trabalho, é trazer o trabalho para sala de aula. Não está se propondo que ao aluno seja negado o direito de conhecer coisas novas, e sim que, as coisas novas sejam apresentadas aos alunos a partir das experiências e saberes que o aluno do campo traz de suas vivências. Pode-se citar a utilização do laboratório de informática ou mesmo o de ciências para se trabalhar com alunos a partir do eles mesmos trazerem de realidades cotidianas. Com essa prática, vai se estar mostrando o mundo tecnológico ou científico valorizando o que é importante para o aluno.

É comum educadores trazerem aulas prontas para aplicar em aula, por vezes sob outro contexto que não o campo, há resistência de alguns professores em começar uma aula a partir do diálogo com o aluno, pois isso demanda estudo e domínio do conteúdo para contextualizar a partir da discussão. Muitas vezes é internalizado que o professor deve saber tudo e que ele é o agente ativo na relação professor-aluno, com isso, percebe-se pouca humildade em assumir que aprende-se muito mais com o que o aluno traz do seu cotidiano para discussão em sala de

aula do que com uma aula pré pronta. É necessário romper com essas amarras, que remete à Educação Rural e trabalhar na perspectiva da Educação do Campo.

A proposta da Educação do Campo valoriza o camponês, a sua produção, a sua cultura, a sua identidade, o seu amor pela terra, pelo reconhecimento de que o campo é lugar de vida, valoriza o trabalho do homem do campo, o direito de permanecer ou sair do campo conforme a vontade da pessoa e não pela imposição frente a negação de direitos. Embora, saibamos que trabalhar sob esta perspectiva vá contra interesses de muitos, que almejam produção a larga escala, onde o camponês atrapalha por estar posicionado ou localizado em determinado lugar, também para os que exploram a força de trabalho e deparam-se com um novo sujeito do campo que a partir da Educação do Campo passa a valorizar sua mão-de-obra, pela resistência do camponês em vender a terra, visto que passa a valorizar e reforça o amor pela terra reconhecendo o campo como lugar de vida.

Contudo, frente às resistências e da realidade de fechamentos de escola do campo é necessário buscar viver a escola de forma que esta viva a comunidade. Para isso, pensar a escola enquanto produtora de reflexão e de diálogo, que é mais importante que escolas que por vezes idealizamos ou organizamos para atender as expectativas de quem está no sistema.

Ao idealizarmos uma escola a construímos mentalmente de forma que atenda os pré requisitos para aulas serem dadas, com infraestrutura, mobiliários e material didático de qualidade, acessos adequados que permitem a mobilidade de alunos e professores, mas sabe-se que a realidade das escolas do campo não atende essas expectativas, o que percebe-se é um jogo de poder, de interesses, onde aqueles que deveriam lutar pelos direitos de uma escola no campo, do campo e para o campo, muitas vezes silenciam em detrimento de cargos frente aos direitos negados, para não ir contra o sistema, ou seja, para não ir contra quem está no poder. Mas, o que importa realmente é o aluno que está à mercê da oferta de uma educação de qualidade, dito isso, quando se discute, aborda e aponta os problemas, não é para ir contra as lideranças que estão postas, mas para pensar e contribuir com possíveis melhorias, o erro é pensar e tomar os debates como afrontas pessoais.

É triste dizer que, enquanto os direitos dos povos do campo, de ter uma escola que atenda verdadeiramente a população camponesa, forem negados quanto ao direito do aluno de estar na escola, seja por falta de transporte, pelas estradas mal conservadas, pela falta de professores, entre outras negações, essas limitações vão enfraquecendo a escola quanto a sua existência, a escola vai perdendo a credibilidade perante a comunidade escolar, principalmente se a comunidade não está integrada à escola, pois a comunidade é a força da

escola. Nos faz refletir que, para o sistema, investir no aluno do campo não é importante, só demanda despesa, assim, todo esse processo de negação parece uma estratégia para enfraquecer a escola do campo, pois, a escola perdendo confiabilidade acaba por extinguir-se.

3.1 Educação do campo: escola viva é vida na comunidade

Diante da afirmação de que a comunidade é a força da escola, direciona-se a discussão para o território de pesquisa apontado neste trabalho, ou seja, Touro Passo - 6º Distrito do município de Rosário do Sul – RS, onde a partir das investigações para coleta de dados percebeu-se as transformações na escola e território ao longo dos anos.

Notou-se na conversa com moradores, durante a construção do mapa social do território da Escola Aracy Vieira do Amaral, que anterior ao processo de nucleação, quando a comunidade escolar era composta por moradores mais próximos da escola, que a escola e a comunidade eram mais integradas dando para perceber um movimento da comunidade em relação à escola e vice-versa.

Esse movimento é percebido quando os moradores mais idosos do Touro Passo relembram o que acontecia na localidade em décadas passadas, como sessenta, setenta e oitenta, quando reuniam-se os moradores da época para participar de missas, batizados, novenas e reuniões na escola. Esses acontecimentos são muito importantes para reforçar a identidade de um território, pois a partir das relações sociais estabelecidas nesses encontros na escola, esta se fortalece enquanto comunidade.

Mas quando percebo que na atualidade essa integração escola-comunidade é fragilizada, reflito sobre o que levou às transformações ocorridas nesta escola e território. É fato que hoje, a localidade não compõe tantos moradores como no passado, mas a integração poderia ser mais fortalecida com os moradores que ainda residem na localidade, mesmo com aqueles moradores que residem mais distantes da escola, pois hoje a mobilidade é mais fácil, por conta da maioria dos moradores possuírem um veículo como meio de transporte.

Também, parece que, com a nucleação das escolas, e a comunidade escolar ter aumentado bastante e abrangido um território maior, pelo fato de passar atender alunos de dois distritos do município (um com área 620 Km² e outro com área 524 Km²) o sentido comunidade se perdeu um pouco. Enquanto a escola não era nucleada, o grupo escolar era mais homogêneo, mais familiar, vizinhos ligados por laços afetivos, que permitia maior integração, sem contar que anterior à nucleação, a professora residia na escola, o que fazia

com que a mesma fosse integrante da comunidade, diferente de hoje, que na escola não reside ninguém, sendo que alguns professores e funcionários residem na cidade e outros em localidades vizinhas no território do Touro Passo e São Carlos, sendo que deslocam-se diariamente para trabalhar na escola, diante disso, não há vínculo estreitado com a comunidade das proximidades da escola.

Aí resta o questionamento sobre o papel social da escola perante o território em que está inserida, pois ao passar atender um território maior, comunidades distintas, pessoas que anterior à nucleação das escolas não se conheciam e que passaram simultaneamente ter a escola AVA como referência em comum, seria necessário pensar estratégias para integrar essa nova comunidade escolar. Ressaltando que nos primeiros anos de nucleação a escola AVA chegou a ter mais de 100 alunos, e hoje não atinge cinquenta alunos.

Como moradora da localidade do Touro Passo, e tendo estado os três últimos anos na escola AVA, por conta de estágios curriculares e participação como professora auxiliar no Programa Mais Alfabetização, pude compreender melhor a relação escola-comunidade a partir da escola. Anterior aos três últimos anos, sendo moradora da localidade, já percebia um distanciamento enquanto pessoa-comunidade para com a escola, no entanto, achava normal por conta de não ter uma ligação efetiva com a escola, por não ter filhos em idade escolar e não estar na escola na função de funcionária. Hoje minha compreensão é outra, pois um morador não ter vínculo efetivo com a escola não quer dizer que não faça parte da escola, pois a escola é da comunidade, independente do morador da localidade ter ou não filhos em idade escolar.

Durante os três últimos anos que estive na escola AVA pude constatar a fragilidade da relação entre escola e comunidade, pois essa relação é muito superficial, apenas em reuniões para entrega de pareceres de alunos, que neste caso se resume aos pais, fora essas reuniões, festas do aniversário da escola e festas juninas reúne no educandário algumas pessoas da localidade, basicamente pais, autoridades convidadas (representantes da Smec e Prefeitura Municipal) e membros da família que doou o terreno da escola que sempre são homenageados e lembrados nas reuniões festivas do educandário. Os moradores que não possuem filhos estudando na escola é raro comparecerem aos eventos promovidos pela instituição e não havendo mais reuniões como missas, batizados, novenas, que com o passar dos anos foram se tornando cada vez mais raras até não mais acontecer, o encontro entre moradores é pouco comum. As pessoas da localidade do Touro Passo que hoje desejarem participar de qualquer atividade religiosa ou de lazer tem que se deslocar até a cidade, porquê na localidade não

acontece reuniões entre os moradores, embora haja relações de amizade e cortesia entre os vizinhos.

Para entender essa realidade, desse distanciamento escola-comunidade e as transformações sofridas pela escola e território ao longo dos anos, os dados obtidos para esta pesquisa poderão ajudar. Podemos pensar os mapas sociais construídos a partir da percepção dos moradores mais idosos da localidade do Touro Passo e também o mapa social construído pelos alunos que estudam na escola AVA na atualidade.

Ao visualizarmos as duas representações gráficas do território do Touro Passo é contundente a diferença no que se refere ao povoamento da localidade. O mapa construído pelos moradores, que vivenciaram as décadas de 1960, 1970 e 1980... traz uma realidade bem diferente da que vemos hoje, em relação à quantidade de residências, sem contar que, conforme informações prestadas pelos moradores no decorrer da construção do mapa social, as famílias em décadas passadas eram maiores, compostas por pai, mãe e número expressivo de filhos se comparado com a realidade atual. Em média as famílias possuíam seis, sete, oito filhos, sendo estes núcleos familiares distribuídos em pequenas propriedades.

O mapa social construído pelos moradores, além de apresentar um território bem mais povoado que na atualidade, traz outras informações, como a presença de mais de uma escola na localidade, a utilização de outros meios de transportes, que não os veículos automotivos, como charretes conduzidas por cavalos e o próprio cavalo, também os meios de produção onde prevaleciam plantações menores do as vistas hoje. Outra informação apontada frente a construção deste mapa era a forma de deslocamento dos alunos até a escola que dava-se a pé ou a cavalo, pois não havia e não era necessário transporte escolar na época.

As informações presentes no parágrafo anterior ao serem contadas pelos moradores eram explanadas com sentimento de orgulho, dando para perceber o valor dado a uma época em que o território era mais povoado, embora a época apontada no mapa social apresentasse algumas dificuldades de mobilidade e de acesso ao trabalho. As relações sociais estabelecidas foram importantes para o território ser o que é na atualidade.

Já o mapa social construído pelos alunos, representando a realidade atual da localidade do Touro Passo, traz uma representação territorial com poucas residências com uma única escola existente, o que leva pensar paisagens onde prevaleça campos vastos, mas com pouca gente. Diante disso, constata-se às transformações que o território sofreu ao longo dos anos, e uma delas foi o esvaziamento desta localidade, já que era tão povoado e hoje tem tão pouca gente.

Pode-se pensar que viver em um território com número maior de pequenas propriedades, ou seja, um território povoado, o viver em comunidade seja mais intenso, ou seja, mais moradores, mais gente, mais histórias, mais diálogos, maior integração. Diferente de hoje, com famílias morando mais distantes uma das outras, cada uma cuidando do seu lugar, das suas coisas, trabalhando e produzindo em benefício da família. A atualidade apresenta um modelo individualista entre famílias que é contrário do viver em comunidade onde o coletivo é razão para o trabalho e o lazer.

Diante da atual realidade do Touro Passo, pensar o papel da escola AVA para que a localidade se fortaleça enquanto comunidade e viva mais integrada é importante, pois a escola sendo referência do lugar a mesma tem todo potencial para reunir moradores, proporcionar diálogos e estreitar laços.

Frente a isso, para entender melhor o contexto da escola e território sob o olhar do professor, foram ofertados questionários a cinco docentes que lecionam na escola AVA, sendo que duas professoras residem na cidade e três professoras residem no campo. Ao analisar as respostas dos questionários pode-se perceber opiniões semelhantes em relação à escola e a importância desta para a comunidade, embora havendo entre as respostas pequenas contradições.

Uma das professoras da escola AVA ao responder sobre o significado pessoal da escola, salienta a instituição como um lugar de aquisição do saber, conforme podemos constatar abaixo:

“A escola significa lugar de adquirir conhecimento, hábitos, atitudes, onde o educando aperfeiçoa o que traz de casa, pois sua primeira aprendizagem é no lar. Mas a escola dá um embasamento teórico e prático para o educando”. (Professora1, 2019)

Com exceção de uma professora, todas as outras quatro docentes que responderam essa pergunta (*O que a escola AVA significa para você?*) direcionaram as respostas quanto ao significado para o aluno e não voltando a pergunta para si, exemplo é a resposta descrita acima, onde o significado da escola foi respondido de acordo com o que a docente pensa ser a escola para o aluno. Para tanto, a palavra “adquirir” conhecimento soa como se o aluno não pudesse compartilhar conhecimentos que traz de suas vivências, a escola não é um lugar que só oferta, ela também adquire conhecimento frente à comunidade a que pertence.

Ao contrário, uma das professoras, ao responder a primeira pergunta, definiu a escola como lugar de trabalho, conforme descrito a seguir:

“Esta escola é o local onde trabalho, lugar onde passo boa parte do tempo nos últimos anos. Educandário que atende as populações do campo, 4º e 6º distrito de Rosário do Sul”. (Professora 2, 2019)

Na fala acima percebe-se um outro entendimento sobre o significado da escola, que para essa professora remete ao lugar de trabalho e instituição que atende o público de um lugar.

A segunda pergunta do questionário trazia indagação aos professores quanto ao significado da escola AVA para a comunidade do Touro Passo e se a escola atende as expectativas da comunidade (*Na sua opinião, o que a escola AVA significa para a comunidade a qual está inserida? A escola atende as expectativas da comunidade?*). As respostas foram mais distintas, sendo que uma professora (professora 3) abordou a importância da existência da escola na localidade afim de evitar o êxodo rural, visto que sem a escola as crianças do território teriam que deslocar-se para escolas urbanas, e diante disso, afirma que a escola atende as expectativas da comunidade.

Outras três professoras também apontaram que a escola atende as expectativas da comunidade, e sinalizam o educandário como um espaço ideal de aprendizagem, conforme podemos constatar no depoimento a seguir:

“Creio que a escola é o centro de aprendizagem, local de encontro das pessoas, local de acolhimento e bem estar dos alunos, professores, funcionários e comunidade escolar, atendendo as expectativas da comunidade”. (Professora 2, 2019)

Do mesmo modo, a seguinte declaração também expressa o entendimento de que a escola é lugar de aprendizagem e união entre instituição e comunidade.

“Nossa escola significa para a comunidade um lugar onde todos terão sempre que precisar auxílio, aprendizagem e um ombro amigo,

pois escola e comunidade caminham juntas. Sim, a escola atende as expectativas da comunidade”. (Professora 4, 2019)

Ao analisar as respostas, entende-se que ao estar inserida em um contexto, onde aquele ambiente depende da sua forma de trabalho e organização, o desejo é que o melhor aconteça e que a forma como esse contexto se apresenta é ou foi o melhor resultado de um trabalho, ou seja, as pessoas que fazem com que uma instituição funcione dão o melhor de si para isso.

Por vezes as respostas divergem com a realidade, e algumas dão a entender ao pensamento que diz sobre a escola que idealizamos e que almejamos, e quando vemos respostas afirmando uma escola como centro de aprendizagem, de acolhimento, de bem estar para alunos, professores, funcionários e comunidade, assim como lugar de auxílio e ombro amigo, porquê escola e comunidade caminham juntas, confirma-se o pensamento de escola ideal e almejada, porque nada acontece tão perfeito como descrevemos, principalmente se a realidade atual do funcionamento da escola está enfrentando sérios problemas, como estradas sem condições de acesso, transportes escolares com problemas mecânicos, inexistência de transporte escolar que deixa inúmeros alunos sem poder estar na escola depois de mais de um mês do ano letivo ter iniciado.

Então, ao vermos contradições nas respostas dos questionários reflete-se que cada um à sua maneira está contribuindo para se ter uma escola que cumpra seu papel e sua função, de modo que cada pessoa inserida na escola lança um olhar diferente para a forma como a escola funciona, pode-se dizer que cada um lê uma história de acordo com a sua história, ou seja, se o bom ou o mau funcionamento de uma escola não nos afeta diretamente, no sentido de sentir na pele as negações de direitos, nosso olhar sobre o funcionamento será mais ou menos crítico. Desse modo, uma das professoras traz uma outra percepção quanto ao significado da escola AVA para a comunidade, conforme descrito a seguir:

“A escola significa um espaço educativo para a comunidade, não entendida completamente como lugar ou espaço de discussão, integração, lazer no cotidiano das pessoas. A maioria das atividades realizadas na escola são de interesse próprio da escola, de cunho curricular e econômico, como as festas juninas, aniversário do educandário e os pleitos eleitorais que vem a cumprir uma demanda de organização política. Embora tenha um Projeto Político

Pedagógico voltado para o campo não a vejo como uma escola que atenda todas as expectativas da comunidade, por mais que buscamos fazer diferente, muitas vezes não somos entendidas e não encontramos apoio e uma certa resistência para aceitar o novo, as mudanças”.
(Professora 2, 2019)

Essa resposta vem a encontro da discussão descrita neste trabalho, quando aborda sentir fragilizada a relação de integração entre a escola AVA e a comunidade do Touro Passo. Quando a docente menciona que a instituição não é entendida como espaço de discussão, duas hipóteses me levaram à reflexão diante da resposta dada pela professora, pois, por quem não é entendida? a primeira hipótese é que as pessoas do território não sentem a escola como sendo da comunidade, ou seja, a comunidade não entende e não vê a escola como espaço para atividades que desejem realizar. Outra hipótese é se os responsáveis pela escola, por vezes, consideram o educandário somente um espaço de aula, resistindo ao uso do espaço para outros fins promovidos “*pela*” comunidade e não “*para*” a comunidade, pois, alguns eventos externos são promovidos “*para*” a comunidade, quando há parcerias com Sebrae, Sicredi, Emater, entre outros. Vale ressaltar que resistir muitas vezes não utiliza a negação em si, mas articula o contexto para que coisas não aconteçam.

Pensar que a escola atende as expectativas da comunidade porquê alunos da localidade estudam no educandário ou porquê é promovido “*pela*” escola algum tipo de atividade “*para*” a comunidade não faz com que a escola cumpra seu papel social, e sim, apenas um papel educacional. A comunidade precisa sentir-se parte da escola, ciente de que a escola é tão sua quanto sua própria casa, só assim a relação escola-comunidade se fortalecerá. Quando fala-se em escola cumprir seu papel social, é pensando também na responsabilidade da escola em entender e apoiar causas sociais que podem surgir na comunidade, à escola cabe tanto cumprir papel social no que diz respeito a integrar, receber, apoiar uma comunidade, quanto apoiar causas mais sérias, como dificuldades enfrentadas por moradores, encaminhando causas e promovendo ações.

Também, na resposta de uma das educadoras acima, foi abordado o Projeto Político Pedagógico – PPP da escola AVA, como sendo um projeto voltado para o campo, diante dessa abordagem realizou-se a leitura do projeto. O PPP da escola AVA reforça o que a Constituição de 1988 propõe, que é ofertar educação visando o pleno desenvolvimento da

pessoa e o preparo para o exercício da cidadania, bem como também propõe a Lei de Diretrizes e Bases – LDB sobre o pleno desenvolvimento do educando.

Pôde-se perceber frente ao PPP da escola AVA o comprometimento com a educação, quando este propõe na filosofia da escola levar e despertar no aluno a capacidade de aprendizagem, através da inovação, formando assim, cidadãos capacitados para atuarem no meio em que vivem, embora neste trecho do projeto não tenha ficado claro sobre qual meio refere-se, visto estar tratando-se de uma escola situada no campo. Também aponta como princípio norteador professores inovadores, incentivadores, responsáveis ao assumir seu trabalho, alicerçados com planejamento, seriedade, eficiência, com o compromisso de levar adiante os propósitos do PPP da escola, trabalhando a partir de gestão democrática, ouvindo e aceitando opiniões que levam ao crescimento da educação, tendo a autonomia para realizar ações.

Sobre entender a prática pedagógica na escola, o PPP aborda ser através da análise dos progressos e dificuldades em sala de aula, onde as dificuldades de aprendizagem são remetidas à falta de comprometimento dos pais, carência do apoio familiar para realização de tarefas, falta de regras, horários, limites, alunos não fazem tema, não tem cadernos completos, não querem realizar atividades propostas para apresentações, diante disso, aborda a falta de transporte que prejudica o educando, sendo que é dado estudos compensatórios sem aprendizagem. Vale ressaltar que em nenhum momento é apontado a reflexão da prática docente no processo de ensino e aprendizagem, tampouco a necessidade de educação continuada aos professores.

Após realizar a leitura do PPP da escola AVA, refleti da seguinte maneira: se uma pessoa residente em outra cidade, fora de Rosário do Sul, que não conheça a cidade, tampouco a escola, tivesse oportunidade de ler o referido PPP, sem referência de endereço, saberia dizer se esse PPP trata-se de um projeto de uma escola urbana ou de uma escola situada no campo? Questiono isso por perceber que apenas na concepção de sociedade o projeto traz indícios de se tratar de uma escola rural, quando descreve o perfil das famílias dos alunos, quando aponta que essas famílias são proprietários de terras e empregados rurais, fora isso, não visualiza-se a descrição do contexto escolar ou a proposta de trazer esse contexto para sala de aula. Não basta uma escola no campo, para a escola ser vida na comunidade é necessário que seja uma escola do campo, onde os sujeitos que habitam o lugar tenham voz neste ambiente.

Todavia, muitas vezes, há de se encontrar escolas com um PPP totalmente voltado para sua realidade, mas que não trabalha de acordo com o que é proposto em seu projeto. E, também, escolas com um PPP totalmente fora do contexto em que a escola está inserida, mas que vive a comunidade, é comunidade enquanto escola.

Aí, voltamos a refletir novamente sobre o modelo de escola que encontra-se no campo, pois se tivéssemos a possibilidade de pegar uma escola situada no campo e a colocar em um centro urbano, e mesmo assim, esta escola funcionasse frente ao mesmo PPP, sob qual perspectiva esta escola do campo estaria trabalhando? Do campo ou urbana? Se funcionasse sem a necessidade de mudar o PPP, esta escola seria uma escola rural, trabalhando em uma perspectiva urbana, devido ao campo não ser contextualizado em seu projeto. Agora, se a escola ao passar funcionar em um meio urbano tivesse que reformular seu PPP, por conta de não estar mais situada no campo, esta seria uma escola do campo, pois apresenta um PPP que não seria possível trabalhar em outro contexto que não o campo, vale ressaltar que o laboratório de uma escola do campo é o território em que está inserida sendo primordial a escola viver seu contexto.

Diante de uma breve pesquisa sobre a construção de Projetos Políticos Pedagógicos, primeiramente, constatou-se tratar-se de uma construção a ser projetada coletivamente, principalmente com a participação do público integrado na escola, como professores, funcionários, alunos, pais e comunidade, sendo que um PPP é como um livro de cabeceira, pois serve como guia no trabalho do professor. A construção de um PPP em um educandário é a prova da autonomia da escola, visto que é construído por representantes de todas as esferas da instituição, que a partir disso, confirma a escola como espaço público, lugar de debate, diálogo diante de uma criação coletiva, saindo daí um subsídio que atenda as demandas dos interessados, ou seja, os alunos. A participação dos diferentes segmentos da escola é muito importante, e Marques confirma quando diz:

A participação ampla assegura a transparência das decisões, fortalece as pressões para que sejam legítimas, garante o controle sobre os acordos estabelecidos e contribui para que sejam contempladas questões que de outra forma não entrariam em cogitação. (MARQUES p. 21.1990)

A partir dessa análise pode-se pensar que com a participação de representações de todos os segmentos (professores, alunos, funcionários, pais e comunidade) todas as esferas serão contempladas no PPP, de modo que a construção é coletiva e nada melhor que a representação do determinado segmento para dizer suas demandas, ou seja, ninguém melhor

que o professor para apontar suas demandas, ninguém melhor que o aluno para apontar suas demandas, ninguém melhor que o funcionário de serviços gerais para apontar suas demandas, ninguém melhor que a comunidade para apontar suas demandas. Caso essa construção não seja coletiva, certamente não constará e nem será mencionado no projeto de que maneira será abordado as especificidades e realidade de cada segmento da escola. Representantes de todos os segmentos são fundamentais na elaboração do PPP de uma escola, ressaltando que a comunidade a qual a instituição está inserida deverá transparecer como objetivo projetado.

É importante dizer que sendo o PPP a segurança da autonomia da escola, esta seguirá seu projeto, realizando e funcionando da escola para sua mantenedora, e não apenas acatando o que é estabelecido pelas mantenedoras. Por isso, para que realmente o PPP seja válido e cumpra sua função, de orientar o trabalho de quem está a serviço da escola, é fundamental entender o projeto como um escudo da escola, visto que se originou ali, na escola, assim, conforme dito anteriormente, é um meio de se desvencilhar do controle hierárquico que muitas escolas se submetem.

Diante do descrito, refletindo sobre as práticas metodológicas realizadas para construção do presente trabalho que tiveram como método construção de mapas sociais, questionários, leitura e breve análise do PPP da escola AVA e das horas de conversa, de “prosa” com moradores da localidade do Touro Passo, aos poucos foi-se compreendendo as transformações ocorridas na escola e território, bem como as relações escola-comunidade ou comunidade-escola. Já pode-se afirmar que a escola é referência da localidade, visto que, o viver em comunidade não é visualizado entre as pessoas desta localidade, assim há um distanciamento da escola para com a comunidade que acarreta em uma integração fragilizada entre moradores e escola.

Porém, não é possível afirmar que ao acontecer a nucleação das escolas se perdeu bastante o significado do viver em comunidade, por conta do educandário passar atender um território bem maior do que o anterior, quando era uma escola multisseriadas que atendia uma comunidade menor, pois outros fatores também podem ter provocado o enfraquecimento do vínculo entre escola e comunidade, fatores como o êxodo rural, avanço do capital e até mesmo a demografia do lugar.

Em relação ao esvaziamento populacional da localidade do Touro Passo, nas proximidades da escola AVA, entende-se como uma imposição do modelo econômico vigente nas determinadas épocas, pois se manter no campo, embora com a diversidade de vida existente neste lugar, com poucos recurso financeiros é muito difícil, pois sem acesso a

Políticas Públicas que auxiliem na permanência do pequeno produtor no campo, estes acabam por extinguir o pouco que tem na sobrevivência, e sem renda, acabam vendendo as pequenas propriedades para fazendeiros vizinhos e migrando para cidade em busca de emprego.

Como já dito neste trabalho, a região do Touro Passo compões famílias de produtores rurais, com propriedades pequenas, médias e grandes, que produzem para sobrevivência da família e comercializam excedentes, no entanto, nos pequenos produtores não percebe-se a visão de comércio tal qual tem as pessoas pertencentes à agricultura familiar, que trabalham, produzem e comercializam produtos como hortaliças, queijos, ovos, etc, talvez porquê a localidade do Touro Passo seja distante da zona urbana do município, que dificulta e encarece o deslocamento para possíveis vendas, caso contrário, seria um meio dos pequenos produtores desse território se manterem no campo.

Ao longo da construção do presente trabalho buscou-se a compreensão das transformações ocorridas na escola e território, sendo que as ações que foram realizadas deram suporte para entender esse processo e grande destaque merece ser dado ao método da oralidade, pois a partir desta pode-se entender as relações sociais estabelecidas em todos os tempos da pesquisa, ou seja, desde a década de sessenta até a atualidade.

No capítulo seguinte será abordado as considerações e conclusões diante dos dados refletidos e sistematizados neste trabalho, trazendo algumas argumentações acerca da maneira como a localidade do Touro Passo se apresenta na atualidade.

4 EDUCAÇÃO NO E DO CAMPO: UMA CAMINHADA EM CONSTRUÇÃO

Esta pesquisa buscou compreender os diferentes olhares de alunos, professores e moradores frente às transformações de uma escola e território, desse modo, a Escola Municipal Aracy Vieira do Amaral - AVA e o território em que está inserida foram contextualizadas nesta escrita.

No decorrer da pesquisa, conforme informações iam sendo adquiridas em relação ao contexto do ambiente investigado, estas foram sendo sistematizadas no texto, foi possível, aos poucos, comparar como era o território em décadas passadas e como apresenta-se na atualidade. A inquietação, como pesquisadora, mencionada no início deste trabalho era devido a uma não compreensão do porquê de um lugar, uma comunidade que era tão povoada de gente, passar ser uma localidade, com poucas famílias e com uma integração fragilizada entre escola e comunidade.

Pôde-se perceber que muitas questões e interesses envolveram a constituição e existência da escola AVA na localidade do Touro Passo, pois era necessário ter uma escola nesse lugar. Logo no início da constituição da escola, na década de sessenta, como já descrito, o território era povoado, muitas famílias viviam neste lugar, muitas crianças necessitavam de uma escola para estudar, assim, era preciso articular e garantir que essas crianças tivessem um local para estudo, o que possibilitava que as famílias permanecessem na localidade.

As famílias residentes no Touro Passo contavam com a “Venda” para aquisição de suprimentos, mas era necessário garantir a escola para as crianças, e tendo a escola, todos seriam contemplados. Ao pensar que todos seriam contemplados, está se referindo no aluno que teria a escola para estudar, nas famílias que poderiam permanecer no território e na “Venda” que manteria sua freguesia. Articular e proporcionar um educandário no lugar foi uma maneira de manter povoada a localidade durante alguns anos.

Constatou-se no decorrer da pesquisa que mesmo com a implantação da escola, com o passar dos anos, a localidade foi esvaziando, tonando-se com pouca gente. O sentido comunidade foi se perdendo, dando lugar à referência de localidade, fato disso e que as pessoas que antes faziam referência à comunidade Santo Ângelo passaram referir-se à localidade do Touro Passo, e isso ficou claro quando, durante as investigações deste trabalho, as pessoas mais idosas do lugar relataram essa diferença. Frente a esses relatos foi pertinente compreender o significado de viver em comunidade, nesse ponto deu-se conta de que hoje as pessoas Touro Passo não vivem em comunidade, e quando referem-se a seus lugares de

residência remetem à localidade do Touro Passo, ou seja, a referência é o lugar e não a comunidade.

Nesse momento da pesquisa, quando percebeu-se que as pessoas que residiam e residem no Touro Passo passaram ter a localidade como referência e não a comunidade foi possível notar a fragilidade da integração escola-comunidade, talvez pelo fato da localidade passar não ter tanta gente e a comunidade escolar abranger um território bem mais extenso do que era anterior à nucleação das escolas. Contudo, é inevitável pensar o papel da escola, no sentido de fortalecer a relação entre o educandário e a comunidade, pensar qual era e é o posicionamento da instituição perante a comunidade do Touro Passo. Para isso a construção dos mapas sociais, os questionários aplicados, a leitura do PPP da escola e as conversas periódicas com moradores da localidade, ajudaram na compreensão das transformações ocorridas no território.

Os mapas sociais contribuíram para trazer uma visão ampla do território, nos diferentes tempos, ou seja, a realidade do território do Touro Passo nas décadas de sessenta, setenta e oitenta, sob o olhar dos moradores mais idosos da localidade, e a realidade atual do território sob o olhar dos alunos que estudam na escola AVA na atualidade. Diante desta dinâmica o que mais chamou atenção foi o esvaziamento da localidade do Touro Passo, visível no mapa construído pelos alunos, e a presença no território nas décadas de sessenta, setenta e oitenta, das várias escolas multisseriadas, visível no mapa construído pelos moradores, o que com o processo de nucleação culminou, a partir da década de noventa, em uma só escola.

A leitura do Projeto Político Pedagógico - PPP da escola AVA possibilitou refletir sobre o modelo de ensino ofertado na escola, bem como a relação da escola com a comunidade. O PPP desta escola propõe um ensino norteado pelas leis (LDB/1996, Constituição/1988) que tange formar cidadãos críticos, participativos e aptos para viverem em sociedade. Quanto à relação escola-comunidade, frente ao referido PPP, não foi possível perceber uma proposta específica da escola em relação ao contexto em que está inserida, pois fora a localização da escola e a concepção de sociedade, que traz o perfil das famílias dos alunos, não é possível enxergar a comunidade do Touro Passo e o perfil do aluno que ali estuda, em nenhum momento é citado o território, as formas de produção, cultura local, aspectos sociais, como requisito a ser trabalhado e contextualizado em aula. A partir dessa constatação, atribui-se à forma como está proposto o PPP vigente como uma das

contribuições para a fragilidade da integração escola-comunidade, visto que no próprio projeto não é proposto ações que podem fortalecer vínculos entre escola e comunidade.

A partir dos questionários aplicados e respondidos pelos professores que lecionam na escola AVA, na atualidade, foi possível compreender o olhar de cada docente em relação ao educandário, uns mais críticos frente à realidade que a escola vive, outros com pensamentos otimistas, descrevendo uma escola que atende as expectativas da comunidade. Foi interessante olhar a escola sob o olhar dos professores, pois através dele pode-se perceber a sistematização da visão daqueles que vivem a escola diariamente.

Aqueles que descrevem uma escola que funciona sem percalços, atendendo todas as expectativas da comunidade, remete pensar o desejo inconsciente de uma escola idealizada, que seja a escola ideal para professores lecionarem e alunos estudarem, pois é mais fácil apontar o que desejamos que seja, o que nos causa bem-estar, do que apontar os pontos negativos, as dificuldades enfrentadas, principalmente se o objeto depende de nossas ações. Todavia, por vezes, esse olhar não acontece por negligência ou conivência diante de direitos negados, mas é o olhar de quem idealiza e internaliza a forma como uma escola deve funcionar, tão forte que não há reflexão quanto a realidade em que se vive, pois sabemos que a realidade das escolas do campo no Brasil não é um mar rosas e sim de luta e resistência.

Diante desse olhar, da escola ideal, a integração escola-comunidade se fragiliza, pois, a partir da imparcialidade daqueles que deveriam perceber, debater e reivindicar por direitos das escolas do campo, a escola acaba por perder um pouco o encanto para sua comunidade, visto que nas escola, sem perceber, apenas cumpre-se ordens pré-estabelecidas pelas mantenedoras. Para o fortalecimento escola-comunidade seria o caso de um funcionamento de dentro para fora e não de fora para dentro, ou seja, escola e comunidade unidas levando as demandas para as mantenedoras e não a escola apenas acatando o que é estabelecido pelo sistema.

A partir dos questionários foi possível perceber a visão crítica de um dos professores, o que é importante, sendo fundamental olhares distintos sobre determinado contexto, pois isso faz com que haja discussão, debate em prol de uma resolução. Todavia, o olhar do professor que traz a criticidade muitas vezes não é entendido, e por vezes suas considerações, apontamentos e sugestões são tidas como uma afronta ao funcionamento escolar, chegando estas pessoas serem hostilizadas e sofrerem retaliação institucional, por seus pares, pelo seu modo de pensar e agir, porém, vale ressaltar que é sob este olhar, crítico, de luta e resistência que direitos são conquistados e feitos valer.

Durante as conversas periódicas com moradores da localidade do Touro Passo, foi possível perceber a visão política destes em relação ao território, e essa visão se fosse somada à perspectiva educacional e social da escola só fortaleceria e integraria escola e comunidade. O município de Rosário do Sul vem sofrendo com o descaso dos governantes, principalmente o meio rural, e isso é visível diante de direitos que nos é negado, como o descaso com as estradas rurais, que apresentam péssimas condições de trafegabilidade, o que faz com as escolas do campo sofram com essa realidade, pois os transportes escolares ficam impossibilitados de transitar, ora por conta da estrada, ora por conta de problemas mecânicos decorrentes das próprias estradas mal conservadas.

Essa realidade é percebida por quem a vive, sendo que alunos e professores das escolas do campo dependem de estradas e transportes escolares em boas condições, para tanto, poucos são os que se manifestam para reivindicar direitos. Sabe-se que as escolas do campo são constantemente ameaçadas de fechamento, diante disso, é primordial o fortalecimento e estreitamento dos laços entre escola e comunidade, pois a cada dia a negação de direitos parece ser estratégia no enfraquecimento de escolas.

Sinto pensar que a integração escola-comunidade no Touro Passo é fragilizada, mantém boas relações sociais, mas não é de luta e resistência. Fato disso, é o ano letivo de 2019 estar em vigência a quase dois meses, alunos não podendo estar na escola por conta de não haver transporte escolar e nenhum movimento de reivindicação ser organizado pela escola e comunidade em prol da regulamentação do transporte, e se a comunidade reivindica parece estar indo contra o funcionamento escolar.

Os que silenciam e tornam-se coniventes com tantas negações de direitos (acessibilidade/trafegabilidade/aluno estar na escola) não se dão conta que estão fortalecendo o sistema que renega direitos para os próprios sujeitos em silêncio e coniventes. O posicionamento e atitudes dos atores-sujeitos inseridos na escola e território determinam a maneira como o lugar se apresenta, ou seja, unidos em torno de um objetivo ou individualizados em seus grupos sociais.

Diante do descrito, se deduz que a integração escola-comunidade depende das ações dos sujeitos inseridos na mesma, seja na escola, seja na comunidade, ou, a forma como se posiciona a escola frente ao sistema, acatando ordens ou reivindicando direitos, o posicionamento tomado dirá que tipo de relação há entre escola e comunidade. A relação escola comunidade só se fortalecerá a partir do momento que juntas, escola e comunidade, lutarem e reivindicarem em prol de seus direitos, em ter estradas trafegáveis, transportes

adequados, professores valorizados, aluno na escola, comunidade integrada, pois educação é direito, não é mercadoria, caso contrário, se haver silêncio, convivência, a relação escola-comunidade será frágil, o viver em comunidade não será visto e a escola será uma referência para a localidade.

Como já mencionado neste trabalho, o presente TCC é requisito para conclusão do Curso Educação do Campo, e estar finalizando este curso remete à reflexão quanto a visão de mundo antes e pós curso. Educação do Campo despertou em mim uma caminhada de reflexão, sobre minha própria vida, minhas relações pessoais e profissionais, bem como minha maneira de olhar meu ambiente familiar, as escolas onde estudei, a comunidade na qual resido e a cidade a qual pertença.

Penso que anterior a este curso não descreveria neste trabalho as reflexões que formulei, talvez minha inquietação frente as transformações da escola e território não tivesse tomado tamanha proporção, pois nunca antes havia refletido sobre a essência das potencialidades e conflitos de um território, sendo esse o território a qual pertença. Meu olhar, enquanto moradora, para o território é outro, meu olhar, enquanto moradora, para a escola é outro, meu olhar, enquanto escola, para a comunidade é outro. É gratificante perceber que o curso mudou muitas coisas em mim, me tirou da zona de conforto, apesar de ainda ter muito o que aprender.

Quando apontei neste trabalho impressões sobre a forma como a escola se porta perante a comunidade e a comunidade perante a escola em nenhum momento foi julgando certo ou errado as atitudes dos atores inseridos nesse contexto, pois dependendo da visão de mundo de cada sujeito suas ações são tidas como certas, por isso, tão importante é estar em outros meios, conhecer outras vivências, viver experiências novas, isso nos faz rever nossos conceitos e nos inteirar do que é nosso por direito. Frente a isso, cursar Educação do Campo nos permite outras visões, nos leva a refletir sobre nossos deveres e direitos, visto que estamos vivendo um período político bastante conturbado, em que nossos direitos estão sendo negados, cortados e extinguidos, assim sendo é nosso dever lutar e resistir. **EDUCAÇÃO DO CAMPO! DIREITO NOSSO, DEVER DO ESTADO!**

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. (org.) **Cartografia Social, terra e território**. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.
- ARROYO, M. G. **Do trabalho e das lutas no campo para a EJA – que radicalidades afirmam?** 2017.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Nova LDB (Lei nº 9394/96).
- _____. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**: promulgada em 16 de julho de 1934. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm
- _____. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.
- CAFFÉ, E. “**Narradores de Javé**”, 2003.
- CASTRO, E. G. Juventude do Campo. In: CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica a saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.
- ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ARACY VIEIRA DO AMARAL. **Projeto Político Pedagógico**. Rosário do Sul, RS: 2018.
- FERNANDES, B. M. **Os campos de pesquisa em Educação do Campo: espaços e territórios como categorias essenciais**. In: MOLINA, M.C. Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- FERNANDES, B. M. **O campo e a educação do campo**. In: I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo. Brasília, 2006.
- LEINEKER, M. S. L. ABREU, C. B. M. **A educação do campo e os textos constitucionais: Um estudo a partir da constituição federal de 1934**. IX AMPED SUL. Seminário de pesquisa da região sul. 2012.
- MARQUES, M. O. “**Projeto Pedagógico: A marca da escola**” In: Revista Educação e Contexto. Projeto Pedagógico e Identidade da escola nº18. Ijuí, Injuí, abril/jun. 1990.
- SÁ, L. M. Pertencimento. In: FERRARO, Luiz Antônio (org). **Encontros e Caminhos: formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.
- SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. In: SANTOS, Milton et al. Território, Territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Pp 13 – 21.

SILVEIRA, Oliveira (Coord) ; DUARTE, Clemente ; SESSINE, Janira (historiadoras). **Rosário Centenário**. Rosário do Sul, RS: Prefeitura Municipal de Rosário do Sul, 1976.

SMEC, Secretaria de Educação e Cultura. **Subsídio de orientação para professores**. Administração Municipal de Rosário do Sul – RS. 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **A introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo, 1990.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

APÊNDICES

Apêndice I – Termo de informação



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS DOM PEDRITO



TERMO DE INFORMAÇÃO E LIVRE CONSENTIMENTO

A Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Campus Dom Pedrito/RS, oferta a Licenciatura em Educação do Campo com o objetivo de “formar licenciados aptos para docência em Ciências da Natureza nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, capazes de contribuir na gestão de processos educativos e de desenvolver estratégias pedagógicas que visem à formação de sujeitos autônomos e criativos, capazes de investigar questões inerentes à sua realidade, vinculadas à qualidade social do desenvolvimento de áreas rurais, contribuindo para que o homem do campo tenha opção de escolha”.

O curso tem como forma de avaliação final o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual @s educand@s articulam os conhecimentos dos diversos tempos e as aprendizagens nos diversos espaços-tempos da vida. Nesse sentido, eu, Mari Seloí Ferreira Batista de Oliveira, proponho o Trabalho de Conclusão de Curso com objetivo compreender o sentido da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracy Vieira do Amaral (AVA) para alunos, professores e moradores da comunidade do território do 6º Distrito – Touro Passo, do município de Rosário do Sul-RS, ao longo de sua história, descrevendo o perfil do território, o qual a escola AVA está inserida, desde sua constituição; compreendendo as influências das relações sociais, econômicas e culturais no sentido da existência do educandário no referido contexto; entendendo o olhar das lideranças da instituição (gestão e professores), dos alunos e moradores sobre a escola e território e relacionando o sentido da escola para o processo de ensino e aprendizagem.

Para dar conta deste estudo e pesquisa, solicito permissão à responsável pelo educandário para utilizar dados da referida escola para a construção do presente trabalho.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE:

Eu, Rita Soraizandra Boncuiz Antunes,
autorizo a pesquisadora deste Trabalho de Conclusão de Curso utilizar dados da escola em seu trabalho, para fins educacionais e de pesquisa no projeto mencionado acima.

Local e data: E. M. E. F. Aracy Vieira do Amaral / _____

Rita S. B. Antunes



| DADOS PROFESSOR ORIENTADOR | DADOS DO PESQUISADOR |
|--|---|
| Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga UNIPAMPA - Campus Dom Pedrito | Nome: Mari Seloí Ferreira Batista de Oliveira CPF: 98076515068 |
| Av. 21 de Abril, 80 – Dom Pedrito – RS CEP 96450-000 | Endereço: 6º Distrito - Touro Passo Rosário do Sul - RS |
| Fone: (53) 3243-7600 | Contato: 55-996079638/996169827 |
| E-mail: joguigon@gmail.com | E-mail: msfoliveira81@gmail.com |

